

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo
A propósito de «Fantasmas Mate-
rializados» e de «Revelações trans-
cendentais»

Analisando factos

«Familia Kardecista»

Evolução e Estagnação

O Espiritismo no Brasil

Albérico Lobo

Novos Rumos á Medicina

Primeiro Congresso Espírita Pan-
Americano

A Alma Animal

Allan Kardec

Trinta anos entre os mortos

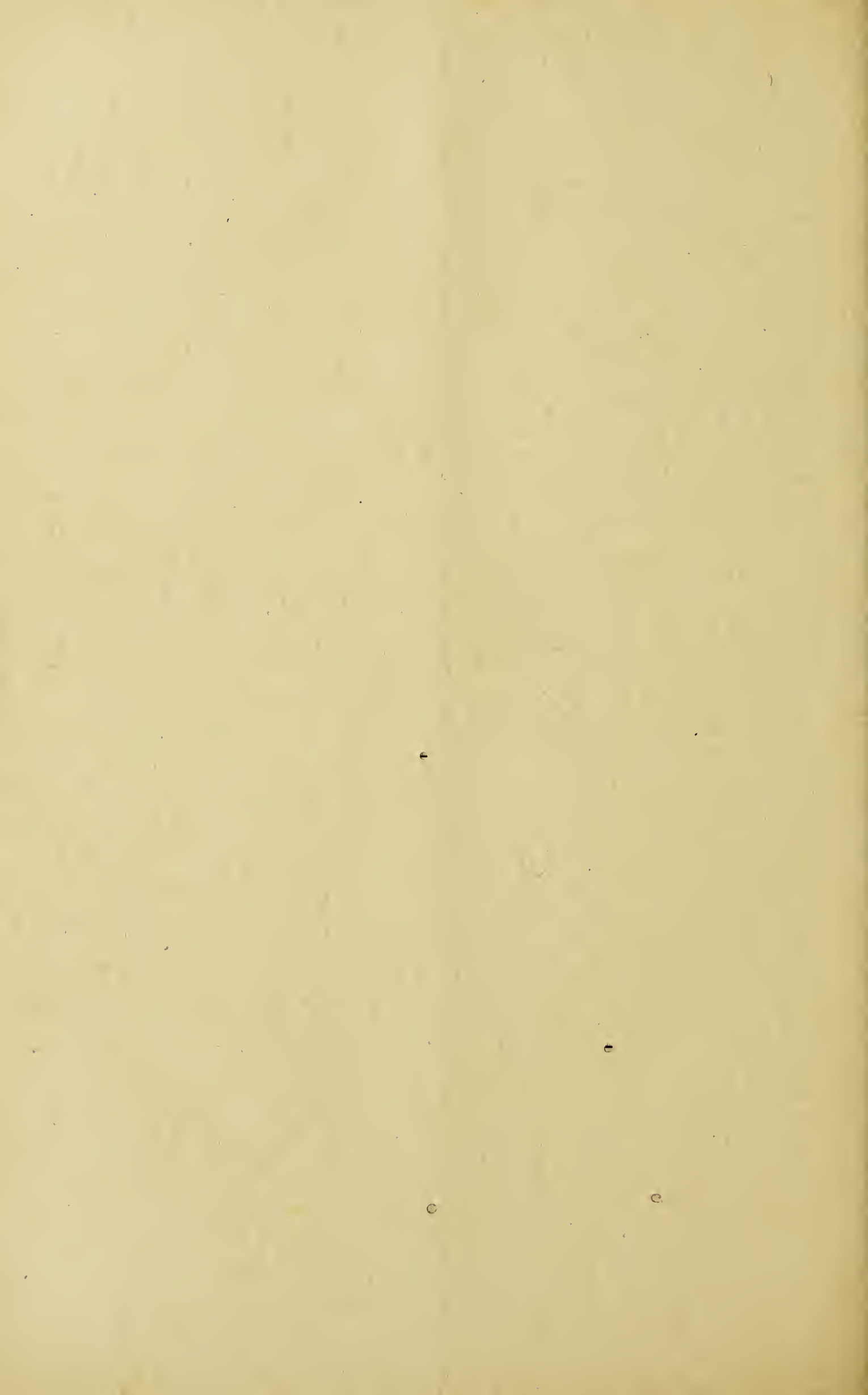
O Espiritismo em face da Ciência

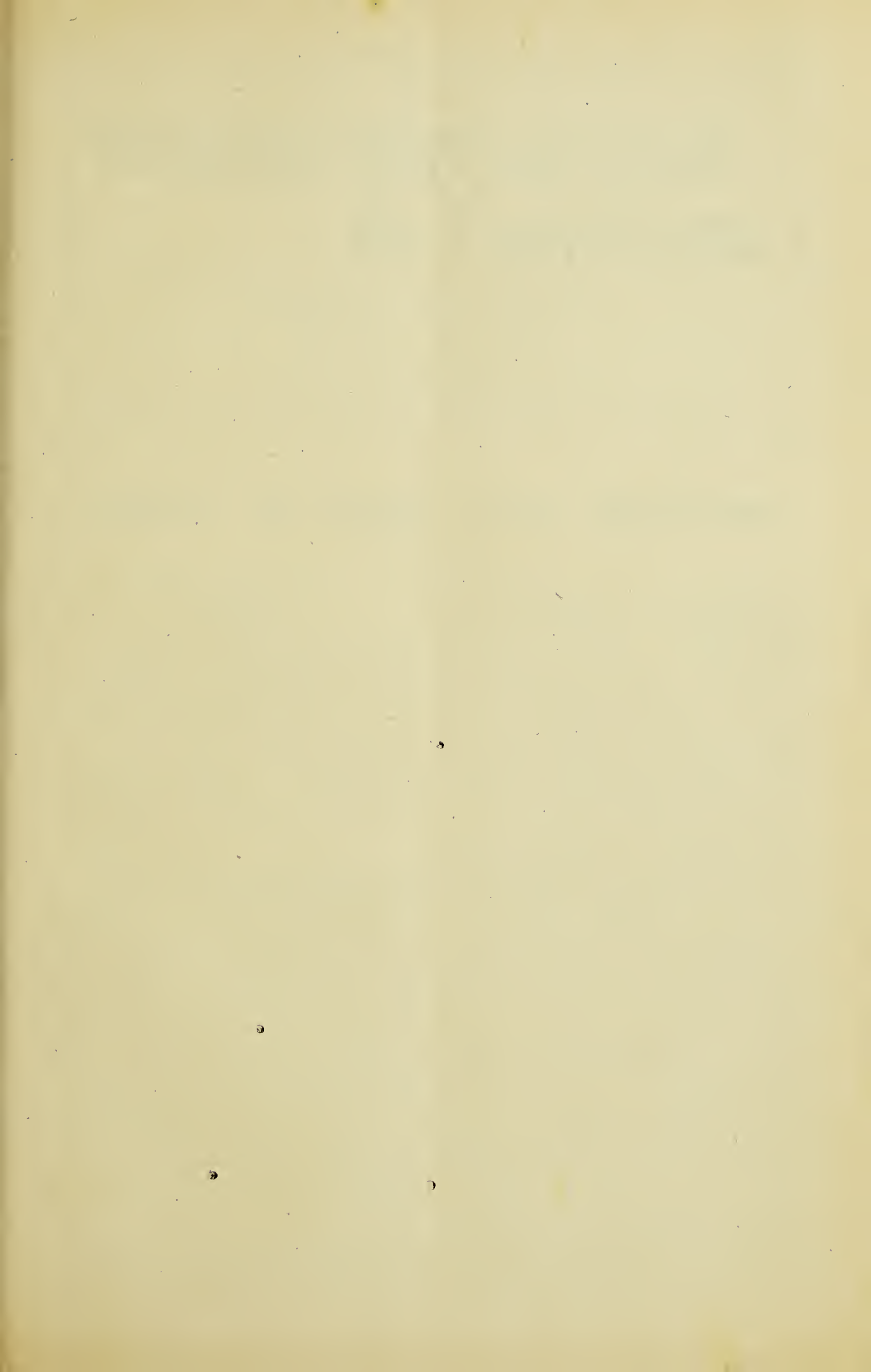
Crônica Estrangeira

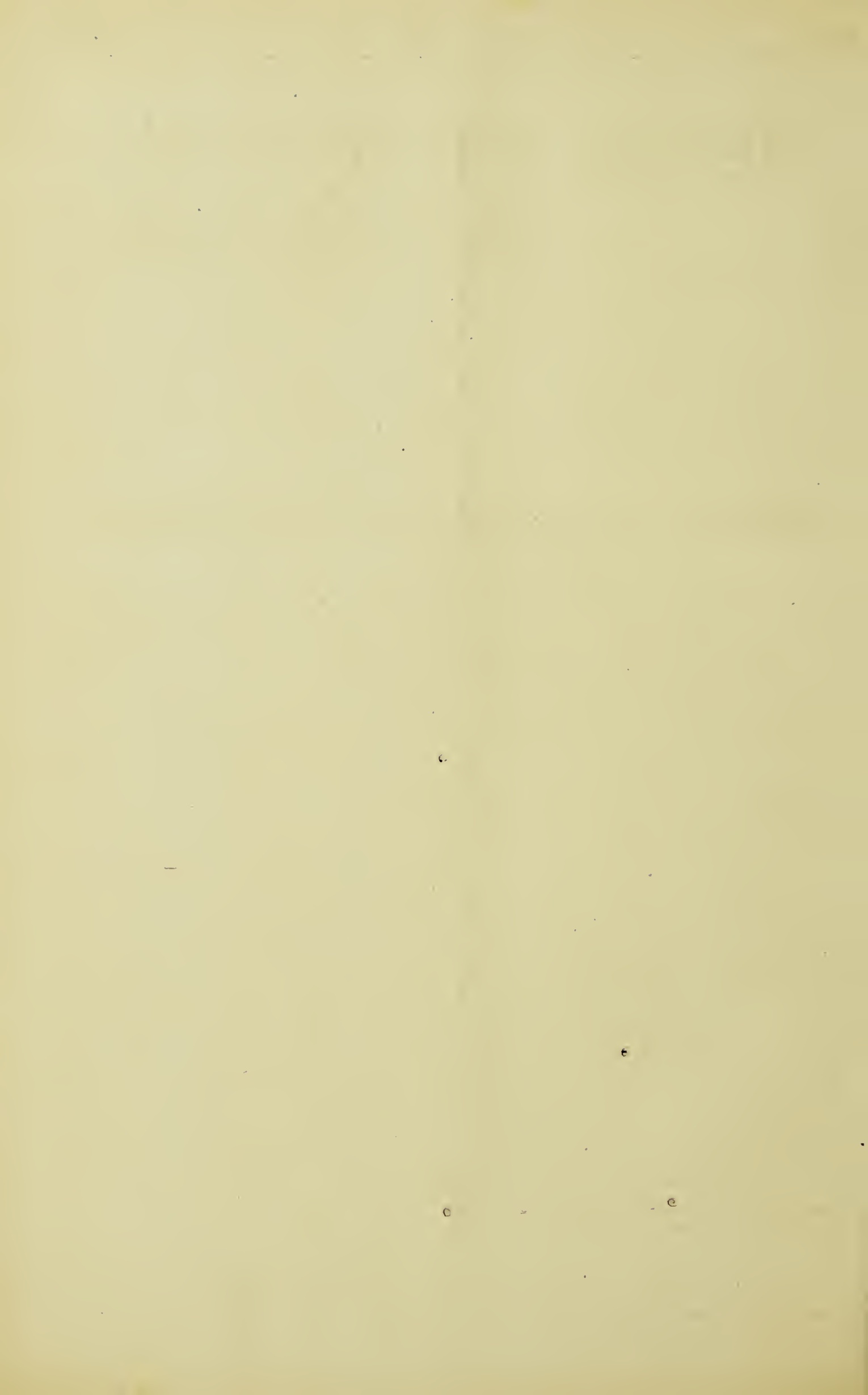
Espiritismo no Brasil



Albérico Lobo







Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)

FUNDADOR : Cairbar Schutel

DIRETOR : José da Costa Filho REDATOR : A. Watson Campêlo

GERENTE : Antonia Perche S. Campêlo

Redação : Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas : Rua Ruy Barbosa n. 673

Opiniões de sábios sôbre Espiritismo

(Continuação)

LÉON CHEVREUIL

1852-1939

«*La Revue Spirite*», edição de Fevereiro de 1940, consagrou seu artigo de fundo, intitulado «*HOMMAGE À UN SAGE*», a Léon Chevreuil, falecido aos 87 anos, em Dezembro de 1939.

Vamos fazer alguns extratos de mencionado artigo e, em seguida, reproduziremos a sua resposta à pergunta inúmeras vezes a êle dirigida — «*Como se tornou espirita ?*»

Como nos sentiamos honrados em ter, no decurso de numerosos anos a nosso lado, êsse valente caráter, êsse delicado literato cuja pena, fina e sábia, soube expôr em páginas inolvidáveis, a defesa de nossos princípios, com facilidade e firmeza, refutando os argumentos dos desprezadores, ignorantes ou de má-fé, da doutrina dos espíritos. Lógico e pensador invulgar, nenhum problema embaraçava a sua inteligência viva e possante. Êstes atributos que sem esforço se revelavam em Léon Chevreuil, suscitavam a nossa admiração ; e respeito em seus adversários...

Era um pintor talentoso que deixa obra apreciável e justamente considerada, repartida em museus e coleções particulares.

Léon Chevreuil foi fiel discípulo de Allan Kardec, admirador e amigo dos seguintes vultos eminentes : Léon Denis, Ga-

briel Delanne, Jean Meyer, Ernesto Bozzano, Paul Bodier, Andry-Bourgeois e nosso Redator-chefe Hubert Forestier, a quem êle guiou, ha mais de 20 anos, os primeiros passos na via militante. Êle é, a nosso ver, o penúltimo senão o último representante da alta linhagem de homens do século passado que fizeram a grandeza do Espiritismo francês e cuja ação e pensamento, transpondo fronteiras, atingiram os países mais remotos da terra.

Será preciso analisar, aquí, a obra filosófica e científica de Léon Chevreuil ? Não o julgamos, de resto, seriam necessárias páginas e mais páginas, de que infelizmente não dispomos...

Todavia, poderíamos recordar muitos artigos dignos de sobreviverem ao olvídio, mas vamos citar, de passagem, alguns livros do eminente autor : «*O Espiritismo na Igreja*», em que prova que os milágres dos santos estavam em estreita relação com o mediunismo ; «*O Espiritismo Incompreendido*», onde se encontra esta forte palavra, que é todo um programa : «*Não ha aquí religião, nem filosofia, nem ateismo, nem materialismo que possam resistir. Trata-se de uma questão de factos*».

Mas a sua obra prima é : «*On ne meurt pas*», que se sucedeu em edições consecutivas, sendo a mais recente a de 1935, com mais de 20.000 exemplares. Esta última edição contém um novo prefá-

cio de Léon Chevreuil, em que êle manifesta sua alegria, pois, após a aparição de «*On ne meurt pas*» as questões por êle tratadas, fizeram um passo gigantesco...

E acrescenta:

«Operou-se uma verdadeira revolução na mentalidade dos cientistas. Nós que vivemos sobre êsse erro do século XIX, que pontificava nenhuma forma real poder existir fora duma substância, sabemos agora que a substância nada é, e necessário se torna procurar alhures as origens da vida e a explicação do movimento. Daí, dois modos de se julgar. O último século errou grosseiramente, porque êle se julgava científico quando tomava por base de raciocínio a matéria que não existe, invocando as leis em lugar de constatar os factos».

Léon Chevreuil e o ilustre Charles Richet estavam de acôrdo pois êste último diz no prefácio de sua obra «A' Porta do Mistério»: «*Nós vivemos numa época em que o oculto se tornou científico, em que o sobrenatural se tornou natural, em que o além faz sua aparição nos laboratórios. E, depois de tudo, porque não?*»

E acrescenta, com leal franqueza, em seu «Tratado de Metapsíquica»:

«*Poderemos ter a pretensão de limitar a ciência, isto é, o conhecimento do mundo, às ínfimas e informes noções que, laboriosamente, penosamente, adquirimos e consignamos em nossos livros?*»

* * *

Perguntam-me, escreve Léon Chevreuil, como me tornei espírita. Perguntemos por nossa vez: — O que quer dizer ser espírita? — A definição é simples. E' um homem que crê que o mundo invisível não é um mundo inacessível e que se pode obter, sobre o destino futuro do homem, noções exatas que nem os filósofos e nem as religiões souberam mostrar.

«Como me tornei espírita?»

— Eu poderia responder: foi pelo estudo. Mas para ser sincero, devo declarar que fui derribado, por minha vez, na estrada de Damasco.

Ha um momento em que a criança, tornada homem, medita sobre o sentido da vida e então reconhece o absurdo das cousas ensinadas. Quando essa hora se me apresentou, não encontrei a verdade em nenhuma doutrina e tornei-me um perfeito incrédulo, um verdadeiro filisteu, o inimigo de Israel. Raramente eu ouvia fa-

lar de Espiritismo; e quando isto acontecia, então eu levantava os ombros a tal altura que eu cria o bastante para me atrair a estima de meus contemporâneos, e, se eu ouvia discutir sobre Allan Kardec, o meu sorrir se tornava escarnekedor.

Eu acreditava, como certos metapsiquistas, que o amor ao maravilhoso, o desejo de demolir, ou a necessidade da superstição, inerente aos seres inferiores, era uma explicação suficiênte; em suma, eu retornei à mais completa indiferença.

Todavia, pessoas altamente inteligentes e profundamente ligados à sua religião, me asseguravam ter obtido, movimentos de mesa, outrora.

Esta afirmação me surpreendia, mas cheguei à seguinte conclusão: «—E' possível que se produza algum movimento, mas quanto á pretensão de se poder entrar em conversação, isto não merece exame. Êste estado de espírito persistiu durante trinta anos.

Contudo, quatro ou cinco vezes tentei vagos ensaios, mas sempre acontecia que os menores estalidos eram acolhidos pelos gracejos habituais, que punham fim a êsses ensaios. Eu quis prosseguir, percebendo que, entre os que riam, alguns havia que riam e que seus gracejos não passavam de um pretexto para se subtraírem à experiência. Eu conservava uma curiosidade vaga.

Certo dia indicaram-me uma casa onde as mesas se mexiam; não era casa de espíritas. Fui. Eramos quatro pessoas, à luz plena. A mesa se animou de tal modo que um alto lampeão, aí pousado, perdeu o equilíbrio. Então, cousa assombrosa, por baixo dêsse lampeão que havia perdido o seu *aplomb* e que fatalmente deveria cair, deslizou a superficie da mesa, tomou contacto com o pé do lampeão, elevou-se, restabeleceu o equilíbrio e desceu sobre o soalho, sem produzir mais barulho de que uma folha levantada pelo vento.

Pois bem, devo eu ser acusado de precipitação em meu julgamento? Confesso que no mesmo instante, senti desmoronar-se o meu cepticismo, porque factos tão simples e tão inimitáveis não tem necessidade de serem controlados. Imediatamente compreendi que todo o materialismo do século XIX acabava de ser varrido por êsse facto colossal.

Todavia, a noite é boa conselheira; dia seguinte fui confiar a um amigo ínti-

mo o meu estado de alma, resolvemos experimentar nós dois: não havia dúvida, uma inteligência se manifestava. Dirigimo-nos a casa de um amigo comum; lá, a mesa levantou-se do solo a ponto de resistir à pressão de nossas mãos. Aconteceu mesmo que, julgando a experiência suficiente, nós nos levantámos. Quando estávamos distantes da mesa, ela agitou-se por si mesma, sob nossos olhares. Nos dias subsequentes, e em outro meio, resolvi fazer perguntas sérias em sessões mais regulares. Simplesmente aconteceu isto: em certo momento interroguei a mesa sobre uma pessoa que fôra a única afeição e consolação de minha infância infeliz. Com um salto a mesa se elevou à altura de meus olhos, imobilizou-se, depois, lenta e solenemente, ela fez um gesto de saudação sobre meus joelhos; a coisa se tornava séria.

Compreender-se-á que, após tais ensaios, eu pensasse que o fenômeno se reproduziria seguidamente. Pois bem, nada disso aconteceu, nunca mais a mesa trabalhou depois, ou tão pouco que não vale a pena falar de seus insignificantes movimentos. A ocorrência descrita deu-se no momento de maior angústia moral, como se me quisessem dizer:

— «Queres sondar o mistério, aproveita esta vez e que isto te satisfaça!»

Poucos dias mais tarde, eu percorria uma livraria, sem pensar em coisa alguma. Os livros alinhados sobre uma estante não atraíam minha atenção, mas havia um que, apoiado sobre a borda, estava completamente fóra da fila. Seu título me impressionou:

— *A Sobrevivência.* — Examinei-o. Para mim era coisa nova e adquirir o livro, e como o endereço de Mme. Noeggrath se achava na última página do volume, fui à rua Milton e foi essa a minha primeira iniciação. Lá, encontrei Hugo d'Alése, o Dr. Chazarin; pela vez primeira ouvi falar de fenômenos. Li Allan Kardec e, enfim, descobri uma doutrina razoável, que oferecia uma solução possível do mistério das coisas e racional explicação da vida.

Nêsse momento, mudei a posição de minhas baterias e engolfei-me no estudo do materialismo. Reconheci que o Espiritismo maravilhosamente se adaptava às coisas ensinadas, que a doutrina das reencarnações se harmonizava com a filosofia evolucionista, que ela respondia às difi-

culdades que não puderam ser resolvidas pela filosofia de Hœckel. Também constatei que Büchner zombava somente das ingenuidades dogmáticas, que êle mesmo reconhecia que se poderia muito bem conceber um sistêma espiritual do universo; enfim, tinha elementos para explicar todas as exigências da ciência e eu encontrei todos êsses fenômenos nos testemunhos da religião a mais ortodoxa. Ectoplasmas, aportes, mediunidades visuais e auditivas, nada aí faltava. Mas a maior surprêsa que me reservava o estudo foi a descoberta do considerável número de sábios ilustres, de todas as nacionalidades, que constatarem os factos com todo o rigor dos métodos experimentais.

Foi isto que eu quis levar ao conhecimento de todos, em meu livro «*On ne meurt pas*». Hoje já não tenho a menor dúvida sobre a sobrevivência e concebi uma nova idéia de Deus, do que resenti um gôzo interior, que jamais me abandonou».

Em 1932, para ser agradável ao director da «*Revue Spirite Belge*», Léon Chevreuil recordou algumas de suas próprias experiências, que transcrevemos de citado órgão:

«Vi aportes em plena luz, obtive provas de clarividência, mas foi sobretudo com Eusapia Paladino que fui testemunha dos fenômenos mais assombrosos; as minhas palavras em nada aumentariam os relatos de Lombroso, Richet, Ockorowicz, de Rochas, Curie, d'Arsonval, etc... Notarei, todavia, que as levitações de muitos objetos (bandolins, campainhas, etc.) acima de nossas cabeças, se produziam quando a médium, completamente deitada sobre meus joelhos, estava presa pelos meus dois braços.

Mas o facto capital, segundo o meu parecer, por constituir a prova positiva e irrefutável da objetividade e da rigidez do corpo invisível, é a obtenção de moldagens. O dr. G. Geley obteve-as na parafina; eu as consegui com material diferente.

A existência do corpo espiritual, materializável, parece-me ser a experiência mais própria para impressionar o incrédulo, quando de boa fé. Os fenômenos materiais que são o fundamento do néo-espiritualismo, serão o ponto de partida de uma nova orientação do pensamento isento de abstrações e misticismo. E' sobre os fenômenos que nos devemos apoiar

para resistir a todo o ataque e forçar as portas dos institutos científicos. A mais importante será, segundo creio, a que demonstre a realidade objetiva do corpo invisível. Devemos colocar as autoridades científicas em face dêsse *substratum* da vida que é o Perispírito e que os adversários teimam em considerar sobrenatural.

Quando a humanidade estiver con-

victa de que o elemento psíquico, até aqui ignorado pela ciência oficial, é uma cousa substancial e uma realidade tão natural como as ondas sonoras que nos revela a T. S. F. e que o problema duma vida etérica entrou no domínio das cousas observáveis, nós teremos criado uma nova mentalidade e permitidas nos serão todas as esperanças».

A PROPÓSITO DE «FANTASMAS MATERIALIZADOS» E DE «REVELAÇÕES TRANSCENDENTAIS»

«*La Revue Spirite*»

(*Continuação*)

Prof. E. BOZZANO

Repito, antes de tudo, que se pode atingir o objetivo submelendo as «revelações transcendentais» aos processos da análise comparada. Ha muitos anos, consagro-me a êste trabalho árduo, e obtive resultados apreciáveis, pois já consegui encontrar e coordenar toda uma série orgânica e imprevisita de concordâncias fundamentais entre as mais importantes coleções dêste gênero. Consegui assim definir as leis psicológicas que regem e explicam certos episódios, certas descrições, certas afirmações que não parecem, à primeira vista, racionais ao nosso julgamento circunscrito, mas pretencioso, de sêres incarnados. Daí resulta que um leitor comum, percorrendo algumas coleções desta sorte, provavelmente sinta a impressão de poderem essas pretensas revelações transcendentais ser explicadas em bloco por meio da cômoda hipótese dos «romances subliminaes», porque elas mutuamente se contradizem e contém grande número de episódios, descrições e afirmações inconciliáveis com a existência espiritual. Pelo contrário, aquele que os examina longa e laboriosamente por meio dos processos da análise comparada, indubitavelmente terminará por concluir no sentido diametralmente oposto, notando que os episódios, as descrições, as afirmações que pareciam incompatíveis com a existência espiritual, podem ser realmente justificados do ponto de vista psicológico, e concordam de maneira altamente sugestiva

com as descobertas científicas mais recentes. Por outro lado, constata-se que não é verdade existirem contradições substanciais entre as numerosas revelações dêste gênero, visto que os casos em que se encontram aparências de contradições são, pelo contrário, a expressão verídica de condições e de estados diversos de existências de espíritos que se comunicam; e quando isso não acontece, então se trata de interferências subconcientes, cuja origem facilmente se descobre.

Uma outra boa prova indireta que consideravelmente reforça as induções e deduções ás quais se chega pela análise comparada, consiste no seguinte facto. Assás frequentemente as personalidades de defuntos que transmitem informações referentes ao meio espiritual em que vivem, chegam ao mesmo tempo a fornecer admiráveis próvas de identificação pessoal. E' se levado a concluir daí que, se os defuntos que se comunicam, se mostram escrupulosamente verídicos sempre que as informações são controláveis, não há razão alguma para duvidar da autenticidade das informações não controláveis que fazem parte integrante do mesmo acervo de dados pessoais e de descrições do meio, indissolúvelmente ligados entre si.

A terceira prova indireta, convergente para a mesma demonstração, consiste na circunstância que, mui frequentes nas narrações episó-

dicas concernentes aos modos de existência espiritual, se encontram elementos que são controláveis, e cuja autenticidade se constata.

Vou citar um exemplo desta sorte, para explicar meu pensamento.

Numa interessante brochura de revelações transcendentais intitulada *The Morrow of Death, by «Amicus»* o episódio de mais difícil admissão por parte dos não iniciados, consiste no relato duma reunião de espíritos, organizada em honra do romancista Charles Dickens.

A personalidade mediúnica que se manifesta observa, em certo momento, que entre os espíritos que faziam parte da reunião ela notou a figura dum «solitário», há pouco ingressado no mundo espiritual e que fôra grande admirador do romancista. Ela acrescentou que, em vida, êle realizava uma peregrinação anual ao túmulo de Dickens, em Westminster, sôbre o qual depositava uma corôa de flôres. Enfim, ela declarou que o nome dêsse «solitário» era «Edwin Drew».

Ora, acontece que Miss Felcia Scatcherd, a espírita bem conhecida, que se encarregara de editar a brochura, sentiu-se embaraçada com o nome Edwin Drew, nome que não lhe parecia normal, e que, ademais, parecia a expressão fonética do nome que constitúe o título do último romance de Dickens: *Edwin Drood*. Estas considerações convenceram Miss Scatcherd que havia um êrro na transmissão mediúnica. Ela pediu esclarecimentos ao espírito que ditara a mensagem, mas êste respondeu afirmando categoricamente que o nome do «solitário» era efetivamente Edwin Drew. Foi assim que Miss Scatcherd, ainda alimentando dúvida, deixou êste nome aparecer no volume.

Algum tempo depois, ela mencionou êste incidente numa conversação com David Gow, Diretor da *Light*. David Gow declarou ter conhecido pessoalmente Edwin Drew do qual falava o espírito. Êle afirmou tratar-se dum jornalista apaixonado dos romances de Dickens, cujo túmulo êle sempre visitava no dia do aniversario de sua morte. Ajuntou mais que êle era conhecido e apreciado no meio jor-

nalístico, mas que era extremamente pobre e muito obscuro para que sua morte, ocorrida pouco antes, apparecesse nos jornais. Tal é o exemplo que decidí citar afim de esclarecer minha proposição, isto é, que algumas vezes se encontram elementos de verdade controláveis nos relatos episódicos concernentes à existência no Além, que reveste um valor teórico considerável, visto que êsse facto conduz logicamente a deduzir que, se êsses elementos são verídicos, o conteúdo das narrações transcendentais nas quais se acham encaixados êsses elementos, deve ser, a seu turno, substancialmente autêntico.

A quarta boa prova indireta em favor de minha tese consiste no seguinte: nas descrições do meio espiritual, fornecidas pelas personalidades mediúnicas, observa-se frequentemente detalhes secundários, que, de um lado, parecem literalmente novos e estranhos, enquanto que, por outra parte, se acham repetidos em termos análogos em numerosas coleções de revelações do gênero. E, entretanto, em muitas dessas circunstâncias, resalta a certeza que os sensitivos, por intermédio dos quais foram obtidos êsses detalhes característicos, ignoravam a existência de outras revelações análogas. Em certos casos, tratava-se mesmo de médiuns improvisados, que de facto, tudo ignoravam de mediunismo. Ora, como não se pode explicar essas concordâncias múltiplas e extraordinárias pela hipótese das «coincidências fortuitas», logicamente se é levado a concluir que êsse facto somente pode ser explicado de uma única maneira: *as informações dadas pelas personalidades mediúnicas concordam entre si porque elas provêm dê uma causa única, isto é, a observação direta*. Por outras palavras, se todas as personalidades mediúnicas descrevem as mesmas condições do meio espiritual, com os mesmos detalhes secundários e os mesmos relevos de fundo, isso demonstra que as condições do meio descrito são autênticamente espirituais objetivos, permanentes, reais, absolutamente reais.

Cumpre-me abordar ainda outro grupo de provas, não menos impor-

tante, mas de natureza diferente; provas que demonstram a concordância admirável existente entre o que afirmam os espíritos a respeito do modo de existência espiritual, e certos conhecimentos científicos adquiridos hoje, relativamente à existência de faculdades e propriedades insuspeitadas da alma, faculdades e propriedades supranormais, que emergem das subconsciências humanas quando os indivíduos se acham em condições transitórias de começo de desencarnação do espírito, tais como o sono fisiológico, o sono sonambúlico e hipnótico, o sono mediúnico, o êxtase, a síncope, o coma e as condições pré-agônicas em geral. Este facto induz logicamente a supor que essas manifestações da alma são faculdades espirituais existentes em estado latente na subconsciência humana, esperando emergir e funcionar no meio espiritual após a crise da morte. Mas êle leva igualmente a pensar que as afirmações dos espíritos que se comunicam, relativamente ás formas nas quais se desenvolve a existência espiritual, são inteiramente justificadas, neste ponto de vista, que elas correspondem à *entrada permanente em ação* das mesmas faculdades supranormais, que em circunstâncias excepcionais, *entram já eficazmente em ação* no mundo dos vivos.

Entre as faculdades supranormais

em apreço, oportuno é assinalar uma que reveste um valor teórico considerável. É aquela pela qual se demonstra que o pensamento e a vontade constituem forças que modelam e que organizam; demonstração inabalavelmente fundada sobre os fenômenos da «fotografia do pensamento» e da «idioplastia». Publiquei recentemente um longo estudo analítico sobre os fenômenos em questão; donde ressalta de modo manifesto e decisivo, baseado em factos, a demonstração da existência desta faculdade, ou propriedade da alma.

Ora, sabe-se que as personalidades mediúnicas são absolutamente unânimes, sem exceção alguma, em afirmar que as Esferas Espirituais mais visinhas do mundo dos vivos, isto é, as em que penetram os espíritos dos recém desencarnados, são absolutamente uma reprodução espiritualizada do meio terrestre, e que os espíritos dos mortos aí se acham em forma humana. Estas afirmações podem parecer, à primeira vista, estranhas e inverossímeis, mas elas tornam-se admissíveis, inteiramente verossímeis psicologicamente desde que se as encare em relação com as faculdades de modelar e organizar que possui o espírito humano.

(Continua)

© Analisando Factos ©

Por Frederico Duarte — Manchester

Cairbar Schutel fala-me!

Na segunda-feira, 28 de Julho de 1941, no nosso Rainbow Harmony Group, madame Bullock caiu em transe, e, com a maior surpresa minha e dos outros membros, Cairbar Schutel transfigurou-se. Como prova absoluta de que era êle, basta dizer que, quem o reconheceu primeiro foi o marido de madame Bullock, que me disse: — Fred, está aqui aquele seu amigo do Brasil, cuja fotografia você me mostrou já naquela Revista Espiritualista!

Mal tinha acabado Mister Bullock de falar, quando Cairbar disse:

— Duarte, sou eu mesmo, o Cairbar! Vou falar em inglês para vocês todos me compreenderem. A voz de homem, perfeita, não podia de modo absolutamente nenhum desiludir fosse quem fosse, pois que era positivamente a duma pessoa estrangeira a falar a língua inglesa!

— Olhe, Duarte, escreva lá para o Watson e diga-lhe que eu continuo interessando-me pela Revista. Tem havido dificuldades sem dúvida, mas,

tudo se virá a harmonizar. Você, Duarte, não desanime também, e continue a ajudar os amigos da Revista (aquí disse *Revista* e não *Review*).

— Sim, caro Cairbar, mas você deve saber que durante o ano passado escrevi uns 6 artigos que mandei para Matão, mas, pelo que vejo, foram extraviados, pois que nenhum dêles apareceu em qualquer dos números que me chegaram aquí ás mãos. Francamente que não tenho uma vaga idéia sôbre o que escrevi, pois não tenho nenhuma cópia em meu poder.

— Não se aflija com isso. Escreva uns 5 artigos e eu o inspirarei a isso, e ao mesmo tempo a fórma de proceder para que êles cheguem ao seu destino!

— Obrigado, Cairbar, aquí continuo pois ás suas ordens.

Riu-se e terminou dizendo:

— Eu estou interessado no vosso Grupo e venho aquí frequentemente, e tenho a agradecer ao Rainbow e seus assistentes por me terem dado esta oportunidade de «experimentar» e ter a interessante experiência de falar por meio da bôca duma simpática senhora inglesa! Adeus, Good night — Boa Noite.

Curioso, todavia, prova autêntica, para o Cairbar terminar com as palavras em português e inglês, diz: — Adeus, Good Night, Boa Noite! A transfiguração foi perfeitíssima e a ponto tal de que, no final da céance, o Mister Bullock mostrou a todos os presentes a capa dum exemplar da Revista Internacional do Espiritismo, tendo todos à uma dito: — Foi êle, foi êle, exatamente vestido assim que nos visitou esta noite. O casal Bullock tem em seu poder alguns exemplares da dita Revista onde apareceram alguns dos meus artigos, e, incidentalmente, na capa dum dêles vinha a fotografia do belo Cairbar!

Ha muito tempo já que temos pensado em instalar uma câmara para tirar fotografias por meio da «Infrared» mas isso custar-nos-ia bastante dinheiro, e, como nós nos reunimos semanalmente sem termos um fim determinado de propagar lá fóra pela imprensa, etc., o que se passa, reservamo-nos pois a considerar o nosso «Circle» como sendo exclusivo e para beneficio do nosso desenvolvimento clarividente, etc.

Podemos considerá-lo como sendo «uma escola particular!»

“Família Kardecista”

Romeu A. Camargo



OM bastante desprazer venho escrever estas linhas, dada a natureza do assunto. Faço-o, todavia, porque a isso me sinto impeñado. Sim, uma obrigação moral manda-me sair do silêncio em que venho vivendo há três anos. E obrigação moral é bem um sinônimo de «dever». Julgo-me, portanto, no ideclinável dever de traçar êste artigo, e espero fazê-lo de modo a deixar sem sombra a intenção que me conduz a estas colunas.

Antes de esflorar o assunto anunciado ou denunciado no título destas linhas, quero dizer duas palavras, à guisa de introdução para justificar não sómente

o meu reaparecimento, como principalmente a minha atitude.

O Protestantismo é credor de minha eterna gratidão. Foi no seio da Igreja Presbiteriana que aprendi a ler e meditar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Guardo a data em que recebi essa benção da misericórdia de Deus: 21 de Junho de 1901, sábado. Quarenta anos e seis meses feitos.

Em Outubro de 1923, neòfito no Espiritismo, senti dobrado interêsse pela leitura e meditação do volume por todos os títulos sagrado. O Evangelho é, para mim, o espêlho refletor de toda a ciência espiritual, porque é a palavra do Senhor

e Mestre único, e por isso mesmo é o Código Moral da Vida (com V maiúsculo, significando a existência em sua plenitude, no Tempo e no Espaço, e não sómente durante a passagem neste mundo físico ou planeta (Espaço) ou seja a existência não limitada pela idade (Tempo); Vida ligada à infinitude do Tempo ou Imortalidade).

Sem laivo ou mostras de vanglória ou de vaidade, quero confessar que, durante os 22 anos de saudoso convívio com os zelosos irmãos protestantes, procurei sempre auxiliá-los em sua multiplicada atividade evangelizadora (no púlpito, na imprensa, na escola dominical, nas visitas dominical, nas visitas domiciliares, etc.). O desejo de um era o da comunidade: repartir com os de fóra da Igreja as lições que o Mestre e Senhor dá a todos os pecadores, nas páginas do Evangelho, afim de que se *orientem* e se *conduzam* como verdadeiros cristãos. Por mais de duzentas vezes, tive o prazer de ocupar o púlpito de quasi todas as comunidades evangélicas da Capital e o de muitas do interior. Sinto-me altamente honrado em dizer que trabalhei ao lado do meu grande amigo, o saudosíssimo pastor Eduardo Carlos Pereira, o maior teólogo, o maior tribuno da Igreja Evangélica no Brasil, de todos os tempos. Seu nome é bastante conhecido, como o maior gramático dos tempos modernos.

* * *

Essas reminiscências de minha vida no Protestantismo vieram para estas linhas, não para que seja pôsto em destaque o nome da minha ilustre obscuridade, mas para dizer que falo com pleno conhecimento de causa, por experiência própria, nêsse longo convívio com irmãos filiados a ramos diversos do Protestantismo. Nêste particular, falo com alguma autoridade. E' sabido que, só nos Estados Unidos, o Protestantismo apresenta mais de 200 seitas, todas, porém, dentro da Bíblia, e no Brasil existem mais de 30 denominações com suas igrejas organizadas. Tratei disto documentadamente, nêsse livrinho a pouco publicado («Salvação pela fé ou pelas obras?», pag. 16).

Como é fácil de prever, diferenças e antagonismos existem entre essas numerosas denominações, seja na forma governativa ou eclesiástica, seja na parte

doutrinária ou exegética (explicativa, interpretativa). Não fôra a impropriedade do momento, e apontaria casos interessantes e mesmo curiosos. Contudo, citarei isto: um crente da Igreja Batista sabe que não deve batizar seus filhinhos, porque o têxto normativo do seu crêdo diz expressamente: «O que crêr e fôr batizado, será salvo» (Marco, 16: 16). Ora, uma criança não póde crêr; logo, não deve ser batizada. E a Igreja Batista não batiza crianças. E essa Igreja vai longe: acredita que só é válido o batismo de imersão, de modo que o batizando seja completamente mergulhado (imêrso), ou no rio, ou na piscina da Igreja (batistério). Para os batistas, não vale o batismo por aspersão (aspergir ou derramar agua na cabeça), como se faz na Igreja Romana, na Presbiteriana, na Metodista e na maioria das demais. Etribado em outros textos do Novo Testamento, o presbiteriano não obedece a essa restrição e batiza os pequeninos, fazendo o mesmo os crentes de outras Igrejas. Os imersionistas se firmam na autoridade do têxto evangélico (Mat., 3:16), do mesmo modo que os aspergistas também se escudam no livro sagrado. Baseado na Bíblia, o presbiteriano admite o dógma da predestinação divina; apoiado no mesmo fundamento (a Bíblia), o metodista não aceita êsse ensino estabelecido por Calvino, fundador do presbiterianismo ou calvinismo.

Mas, com essas e com outras discrepâncias, os protestantes se entendem perfeitamente, visto que todas as denominações, todas as Igrejas Evangélicas formam «unidades» em tórno dos princípios fundamentais da Fé: existência de Deus e seus atributos; Santíssima Trindade: Deus Uno e Trino; Céu e Inferno; eficácia expiatória do sacrifício do Calvário; imortalidade da alma, etc.

Examinei a teologia metodista ou wesleyana, em confrônto com a presbiteriana ou calvinista; flutuei equidistantemente entre as duas escolas, amparadas e dirigidas por eminentes autoridades nos vastos domínios da ciência escriturística, a começar de João Wesley (inglês) e João Calvino (francês), fundadores dessas duas escolas teológicas (Igreja Metodista e Igreja Presbiteriana). Observei e admirei sempre, a «unidade» doutrinária nos pontos capitais do crêdo evangélico (estou escrevendo quarenta anos depois).

Corroborando tudo quanto vai nes-

sas linhas, tenho a acrescentar: o Protestantismo não me autoriza a dizer o contrário, hoje. Continuando ligado, como estou, por laços de amizade, a elementos da Igreja Evangélica — e até mesmo na própria família —, sei que o edifício espiritual da Refórma, levantado pelo ilustre frade alemão, Martinho Lutero, é o mesmo, e também o mesmo é o vigamento, cujas linhas mestras solidificam a estrutura orgânica das igrejas de todas as categorias denominacionais.

Fiel e zeloso pela conservação do seu ponto de vista — ainda que firmado mais na «letra» que no «espírito» que vivifica os textos bíblicos —, o protestante aí vai realizando a sua destinação na terra, na estrada do Evolucionismo. Seja como fôr: «literalista» ou liberalista, êle se atermos aos princípios basilares da sua Confissão de Fé, procura viver como cristão, pautando seu caráter pelas normas morais do Evangelho, que lhe exigem toda vigilância, afim de se livrar da «tentação da carne, do mundo e de Satanaz», essa tríplice modalidade da «concupiscência da carne, da concupiscência dos olhos e da soberba da vida».

Literalista ou não, mas obediente à voz de seu e nosso Mestre, o crente evangélico tem como norma inflexível de vida, o «Sim, sim; não, não; porque tudo o que daqui passa procede do mal» (Mat., 5: 37). E' o império da verdade, do qual o protestante é súdito leal e intransigente, até à morte. E' mesmo o traço característico dos evangélicos, de modo a não fugirem à advertência apostólica: «Mas santificai a Cristo, Senhor nosso, em vossos corações, aparelhados sempre para responder a todo o que vos pedir razão daquela esperança que há em vós» (I Pedro, 3:15).

— Todo êste palavreado que o leitor esta suportando, visa a um fim: mos-

trar que os antagonismos, as divergências ou discrepâncias, do ponto de vista de doutrinas, entre as igrejas evangélicas, não foram ao ponto de fazer surgir um novo crêdo ou uma nova seita dentro do Protestantismo, porque são questões «secundárias»

O presbiteriano, com o Evangelho nas mãos, «prova» que as crianças devem ser batizadas; o batista, com o mesmo Evangelho nas mãos, «prova» que as crianças não devem ser batizadas. E é bom lembrar que o batismo é coisa sagrada, é «sacramento», em todas as igrejas evangélicas (sacramento, segundo Sto. Agostinho, bispo de Hipona, na Africa, é «um sinal visível de uma graça invisível»; no batismo, o «sinal visível» é a agua; a «graça invisível» é a regeneração moral e espiritual, que vem do Alto; o batismo simboliza, pois, regeneração, renovação moral.)

Nenhuma igreja evangélica pretendeu determinar a côr da barba do apóstolo Pedro, nem me consta a Teologia Dogmática de algum ramo do Protestantismo haja explicado o «modo» do desaparecimento do corpo de Jesus, do sepulcro. Os protestantes afirmam, unânimes, que o corpo do Mestre foi sepultado; a sepultura foi selada, e muito bem guardada por soldados romanos. E o corpo desapareceu.

Param aí os teólogos, de vez que Jesus subiu ao Céu com o seu corpo. E eu também vou parar, porque êste artigo já ultrapassou os limites do razoável. Antes de o fazer, quero confessar que é com profundo pesar que estou vendo o trabalho sorrateiro—verdadeira obra de submarino —, no campo do Espiritismo, no Brasil, com um só fim: dividir a família espiritista em dois grupos antagônicos, divergentes, adversários primeiramente, para se tornarem inimigos, depois.

Continuarei.

DEUS é o supremo alvo para o qual todos nos encaminhamos. Assim como na Terra, para se atingir determinado local, muitas são as estradas a percorrer e os caminhos que à êle conduzem, assim como também os veículos usados, desde o vagoroso carro de bois até o rápido e moderníssimo aeroplano, da mesma maneira são as religiões para a alma humana; elas não são mais do que caminhos mais ou menos curtos que a alma tem de percorrer, ou veículos mais ou menos vagarosos ou rápidos de que se tem de servir, para atingir o alvo supremo: DEUS. — *AKISS-AMED.*

EVOLUÇÃO E ESTAGNAÇÃO

Campos Vergal

O Espiritismo como doutrina filosófica, científica, e social, triunfará; fará de cada centro, de cada grupo, núcleos de instrução, de educação social, de indivíduos estudiosos e progressistas; fará de cada homem um sêr útil, prático, enérgico, corajoso, auto-confiante, liberto. — Como religião, se enquadrará na série interminável das fábricas de dogmas, fanatismos, amuletos e rotinas; pois, não se pode negar que as religiões, à semelhança de... cogumelos nas planícies, povoam o mundo, em todos os tempos e em todos os lugares, gerando o mêdo, produzindo o marasmo mental, desviando o homem das suas finalidades presentes, para amarrá-lo às mesmas superstições tão nossas conhecidas. — A imortalidade cientificamente provada não é um favor dos deuses, mas é uma conquista natural da evolução; assim, também, a concretização e a utilização das ondas hertzianas, não é uma dádiva de júpiter ou de alé, porém, é uma conquista dêsse bandeirante da imortalidade, que é o espírito humano.

Procuremos sempre e sempre ser donos de nós mesmos e não fiteres nas mãos de terceiros; criemos o nosso próprio ambiente, com as nossas iniciativas e energias; construamos o nosso destino com os nossos próprios recursos, com nossa inteligência, com nossa coragem. — O castor, o João-de-Barro, aves, animais, fabricam, constróem, organizam, seu ninho, sua casa, seu refúgio, sua ambiência. Vivem dentro do grande cenário da vida, partilhando do grande concêrto universal, sem as preocupações doentias da salvação e da perdição, das proteções milagreiras ou dos peditórios vãos!

* * *

Aprendi no Espiritismo que, muitas vezes sofremos, porque ainda não nos compenetrámos de que somos os

únicos dispensadores das nossas aflições e tristezas, bem como somos nós próprios os exclusivos manipuladores da nossa alegria, serenidade e bem estar. É claro: cada um está num ponto, num degrau diferente da interminável escadaria ascensional da evolução! — Aprendi também que outras vezes sofremos, porque temos o péssimo costume de nos considerarmos vermes, pó da terra, sêres rastejantes, míseros mortais... por que isso? falsa modéstia? materialismo degenerado? para agradar as potestades? — Não podemos fugir dêste dilema: ou somos evidentemente fantoches, pobres bonecos de panos nas mãos discricionárias, parciais, apaixonadas, de deuses barbaçudos e sempiternos, ou somos, na realidade, espíritos imortais, crescendo em conhecimentos, em possibilidades, em amor, em belezas, em harmonias, dentro do infinito de tempo e do espaço, criando, criando sempre em nós mesmos, o encanto esplendoroso dum progresso ilimitado, ao som das sinfonias dos mundos que povoam o infinito, independentes de favores, de proteções e de chôros! Eu fico com esta segunda concepção. — E, assim como respeito as idéias dos que gostam de rezar e pedir, acho ridículo e fóssil que terceiros se aventurem a desviarme da senda que descobrí e palmilho.

* * *

Ergamos, pois, a nossa fronte; ergamô-la para o sol da Vida! Deixemos áqueles que não nos compreendem ainda, a missão fúnebre de chorar pelos mortos, de se saturarem com a fantasia da morte e de se narcotizarem com o ópio das rezas! Para os espíritos fortes, esclarecidos e senhores de si mesmos só existe vida, vida constante, permanente, eterna, sob vários aspectos e em diferentes planos, desde os da matéria grosseira, pesada, até os de matéria quintessenciada, hiper-física. — A vida

prosegue e nós somos imortais. — Antes de nos reencarnarmos, vivíamos; depois de nos desencarnarmos, continuaremos a viver. Vivemos sempre, e sempre num aquí e num agora, porque o presente é eterno! — Assim sendo, é indispensável que sejamos fortes, animosos e livres, e não pessimistas, desanimados e fatalistas.

E para que a galera de nossa

vida sulque garbosamente os mares múrmuros, que necessitamos vencer, é indispensável que a enfeitemos de flores, a lantejouemos de luzes, a embalemos com cânticos; flores, luzes e cânticos... — Flores da alegria e da coragem, luzes do conhecimento e do otimismo, cânticos da bondade, da energia e da confiança em dias cada vez melhores...

O Espiritismo no Brasil

Tradução de Francisco Klörs Werneck

Luiz M. Di Cristoforo

O ilustre confrade argentino Dr. Luiz M. Di Cristoforo, elemento de larga projeção no movimento espírita da Argentina, iniciou na Revista *Constancia*, de Buenos Aires, n. 2597 de 16 de Dezembro de 1941, da qual é Secretário, como contribuição ao Congresso Espírita Pan-Americano, uma série de artigos focalizando o movimento espírita de toda a América, havendo iniciado essa série por um longo artigo sobre o nosso país, cuja tradução daremos adiante.

Si bem o nosso distinto confrade Di Cristoforo teça os maiores elogios ao nosso Espiritismo, logo de começo cai num justificável equívoco de observação para quem nunca residiu no país quando diz que a grandeza do movimento espírita no Brasil provém de uma razão geográfica e de uma razão filológica, isto é, por ser o Brasil o maior país do Continente Americano e o único de língua portuguesa. Nós que aqui nascemos e vivemos e que conhecemos de perto o espiritismo brasileiro, bem sabemos que assim não é, pois o espiritismo em *muitos* Estados brasileiros é bem reduzido em comparação com a sua extensão territorial. Podemos, mesmo dizer, que a grandeza do movimento espírita no Brasil é muito menor do que seria, em virtude mesmo da sua imensa extensão territorial, como o Autor destas linhas e Tradutor do artigo procurará demonstrar num artigo que, possivelmente, aparecerá simultaneamente nas imprensas brasileira e argentina.

Passemos à tradução do artigo do nosso amigo Dr. Di Cristoforo:

«A grandeza do movimento espírita no Brasil provém de uma razão geográfica e de uma razão filológica. Com efeito, o Brasil é o país de maior extensão do nosso continente e o único de fala lusitana. Dois caraterísticos que impregnam, de um modo especial, o verbo espírita brasileiro. Ao verbo e a ação já que o Espiritismo no Brasil deu-se toda para fora de si, para os outros, num louvável intento de solidariedade reparadora. Já nos explicaremos.

Uma expressão dêsse esforço solidário o dá a modalidade religiosa adotada pela organização espiritista brasileira. «E' o país mais espírita do Mundo», diz Gabriel Gobron, numa ungida página de fervor idealista redigida no fragor da metralha suicida zumbindo ao seu lado, antes do desastre da França. E o é, com efeito, si para sê-lo é preciso ser o país de maior quantidade de revistas e jornais doutrinários em cujas páginas se constata todas as variantes de capacidades imagináveis.

Desde «O Revelador», órgão da União Federativa Espírita Paulista até a «Revista Espírita do Brasil», órgão da Liga Espírita do Brasil, passando pela «Revista Internacional do Espiritismo» que a capacidade tenaz de um Cairbar Schutel dirigiu com acerto, «Jornal Espírita», «O Médium», «O Clarim», etc., os nomes e os números se sucedem continuamente num afã de divulgação doutrinária de acentuada tendência kardecista. Seguem ao Mestre talvez com uma tenacidade que êste não houvesse aplaudido.

Essa modalidade se estende à impren-

sa; livros e mais livros aparecem, todos os dias no Brasil. Ao lado da obra clássica de Kardec, de Flammarion, de Denis, de Delanne, etc., a obra desconhecida do Além, escrita por um espírito e com uma abundância significativa, aparece. Livros de toda a sorte, tal como no periodismo. Ao lado da obra de tese, um livro anódino.

A tonalidade religiosa é notável nesses esforços, ainda que, de quando em quando, um Ignacio Ferreira, um Klörs Werneck, um Odilon Negrão, um Arthur Machado, um Guillon Ribeiro, um Amorim, um Imbassahy, um Gomes Braga, um Mello, um Leopoldo Machado, um Osório Cesar, etc., chamem a atenção dos estudiosos para o artigo de fundo filosófico ou de crítica científica elevados. Abunda, porém, a crítica religiosa ou, melhor dito, o ensaio de tendência ou exegese religiosa. Cremos que esta é uma prova da tendência dos espíritas brasileiros de servir às massas do seu povo, mérito indiscutível de ação que se deve reconhecer aos espíritas brasileiros.

Porque o que há de notável dentro do movimento espírita brasileiro são as realizações. Não aplaudimos nem negamos. Constatamos: hospitais de assistência gratuita, sanatório especialista em cura de obsessões e outros tipos de alterações mentais, médicos, advogados, assistência social, alimentos, roupas, professores, escolas gratuitas, creches, asilos para orfãos e para anciões, para mulheres abandonadas, cosinhas de pobres, serviços dentários, serviços farmacêuticos, edifícios próprios de hospitais, sanatórios, escolas, sociedades, etc. Que dizer a tudo isto?

São mil, centenas de milhares os seres que graças a essas organizações têm educação primária, alimentos imprescindíveis a subsistência, remédios para os seus males físicos e orientação para as suas misérias morais e tantas outras coisas que de outra forma não veriam nem teriam nunca. E' um esforço idealista errado? E' uma realização doutrinária verdadeira?

Cada ano, centenas de pessoas aprendem, centenas se curam, centenas se recuperam socialmente falando. Até já se reconheceu, oficialmente, que no Brasil seria uma verdadeira desgraça nacional fechar os centros espíritas e impossível uma recuperação das grandes massas de povo que deles dependem. Aqui está a chave da questão espírita do Brasil: as grandes massas.

Isto é favorável ao Espiritismo tal como o concebemos nós? Ou, ao contrário, é esta uma forma de sua alteração? Porém temos outro aspecto a destacar: o Espiritismo brasileiro conta com a radiofonia, a maldita maravilha deste século de civilização de cimento armado, com uma radiofusora própria — a Rádio Piratininga — que luta denodadamente pela difusão doutrinária.

E esta é uma modalidade da luta do Espiritismo no Brasil: luta provoca fundas discussões públicas e atrai atenção para a sua propaganda, sem deixar indiferentes a seu lado. Que se recorde a magnífica polêmica havida entre médicos materialistas e médicos espíritas, em feroz luta no seio da Sociedade de Medicina e Cirurgia, na tribuna, no periodismo grande e nos tribunais, luta gigantesca em que médicos materialistas e ateus negativistas por sistema, sofreram a mais estrondosa derrota que, pública e legalmente, se reconhece nos anais da história do Espiritismo e suas lutas com profanos e inimigo. Veja-se em «Pigmeus contra gigantes» do Prof. Leopoldo Machado, os detalhes dessa luta).

No Brasil, Kardec é o apóstolo indiscutido e indiscutível. «O Espiritismo brasileiro é a caridade em ação, não obstante a pobreza dos seus adeptos,» disse Gobron no artigo «O Espiritismo no mundo em 1940» com claridade meridiana que não admite réplicas.

Movimento kardecista por autonomia, o Espiritismo no Brasil é um movimento popular, exatamente o contrário do que caracteriza o movimento espírita inglês que é um movimento cômodo, desafogado, economicamente falando.

Para muitos, o Espiritismo brasileiro é o mais ativo e o mais sincero, o mais devotado e fervoroso em suas manifestações de auxílio e isto, sem dúvida, alguma, é tomado ao pé da letra, no Brasil, como a coisa mais natural, não como a única maneira de demonstrar-se espírita.

Esta é a realidade espírita que trará o Espiritismo brasileiro ao Congresso Espírita Pan-Americano de 1942.

Em pequena escala fenomenológica, porém em grande quantidade realizadora, o Espiritismo brasileiro se define com uma modalidade mui própria e mui nacional, com uma uniformidade que não tem paralelo em nenhum outro país ame-

ricano, como havemos de vêr oportunamente. Tanto que a instituição metapsíquica no Brasil, é todo Espiritismo, com a única exceção de que não tem oficina, nem farmacia, etc., que têm todas as sociedades espíritas, ao contrário das sociedades metapsíquicas de outras partes, que se fundam com o único objetivo, em geral, de opôr-se ao Espiritismo

O Prof. Ernesto Bozzano, depois de Kardec, tem toda a simpatia e admiração dos espíritas brasileiros, a tal ponto que

supera a todos os outros autores juntos. E' que, em tal adoração, depois de Kardec, é muito pouco o que fica para os demais.

Unicamente a divisa do Espiritismo brasileiro, a nosso juízo, ficou expressa, numa frase de Odilon Negrão, quando disse:

«SI KARDEC ENXUGOU AS LÁGRIMAS DOS OLHOS DOS INFELIZES, RICHET PÔS UMA LÁGRIMA NOS OLHOS DOS NEGADORES».

Albérico Lobo

Na madrugada do dia 2 de fevereiro, regressou à Pátria Espiritual, na Capital Federal, com a avançada idade de 76 anos, o nosso grande amigo e colaborador, Carlos Albérico de Souza Lobo.

A sua partida não deixaria de

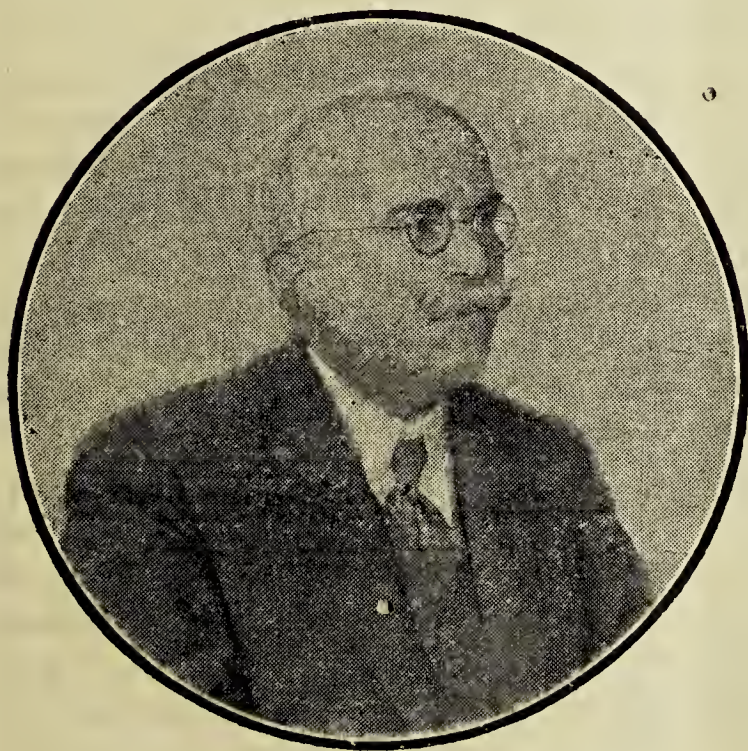
co, que o seu desincarne estava muito próximo.

Albérico Lobo foi, efetivamente, um abnegado obreiro da seára espírita. Assim nos autorizam a falar sua bondade, humildade, constância e espírito de renúncia e caridade. Ele está ao lado dos grandes vultos do Espiritismo no Brasil. Foi um grande amigo e admirador do nosso sempre lembrado companheiro Cairbar Schutel, com quem mantinha correspondência a miudo.

Desincarnado Cairbar Schutel, Albérico Lobo, identificado com a obra dêsse Apóstolo do Espiritismo, estabeleceu contacto conosco através de cartas que honram o nosso arquivo. Suas palavras, sempre amigas e consoladoras, constituíam, para nós, verdadeiro estímulo e imensa satisfação.

causar-nos surpresa se não soubessemos que êle sê achava gravemente enfêrmo há muitos mêses. Na última carta que êle nos endereçou, tivemos intuição, pela sua letra trêmula e traçada com grande esfôr-

Dos mais fervorosos préga-dores do Evangelho, poucos conhecemos que o soubessem igualar. As suas prégações eram testemunhadas pelas suas obras de caridade, pois acudia os necessitados com o que estivesse dentro de suas possibilidades, num desejo ardente de



cumprir as recomendações evangélicas. Por isso conquistou um lugar de destaque nos corações daqueles que com êle tiveram a felicidade de privar.

Na tribuna, a sua palavra, clara e cheia de fé, sensibilizava os corações dos que o ouviam, ao passo que prégava a imortalidade e o Evangelho, mostrando o verdadeiro caminho da Redenção. Como jornalista espírita soube cumprir a tarefa, usando de uma linguagem clara na exposição de seus têmeas quer evangélicos, quer doutrinários, e seus pensamentos, repassados de

exortações e ensinamentos, eram o espelho da pureza de sua alma.

Espírito de escól, sem dúvida está êle agora no mundo espiritual, saboreando o fruto do seu labor, ao lado daqueles que na terra souberam cumprir seus deveres cristãos.

Bom amigo e companheiro Albérico: nós te auguramos, com toda a sinceridade de nossos corações, feliz permanência na Pátria Espiritual, e contamos com a tua assistência nas nossas dificuldades e aflições.

Jesus seja contigo.

NOVOS RUMOS Á MEDICINA

DR. IGNACIO FERREIRA

Anualmente, por estas mesmas colunas, temos publicado as estatísticas referentes ao movimento de enfêrmos no Sanatório Espírita de Uberaba.

Pelo critério com que são elaboradas, pela verdade que representam e pela fidelidade com que é feito o fichário dos enfêrmos internados, elas constituem uma fonte para estudos e perquirições, encaminhando os que se interessam por novas observações no campo da psiquiatria.

Hospital idealizado para a cura das *obsessões*; sem aparelhamento material, por desnecessário à especialidade; sem laboratórios para as investigações comuns e naturais requeridas para melhor diagnóstico; com recursos financeiros escassos, refletindo-se até mesmo no número limitado de auxiliares, tem prestado, todavia, um serviço inestimável à coletividade, não só pela porcentagem de enfêrmos cu-

rados como, também, pela tranquilidade dos lares e da sociedade, amparando grande número de enfêrmos cujo segregamento é o único recurso para se evitarem males e distúrbios, por vezes, irremediáveis.

Aos diagnósticos adotados pela DIVISÃO A PSICOPATAS — e que servem de padrão aos mapas anuais para as estatísticas do Estado e do País, juntamos o das OBSESSÕES.

Ainda não aceitas, oficialmente e ainda não estudadas a não ser por um número relativamente diminuto de médicos, não as incluindo nos diagnósticos aceitos pela ciência atual, não estaríamos cumprindo o nosso dever de médico, cômico da realidade destas psicoses produzidas pela atuação e pela subjugação dos desencarnados sôbre os encarnados.

Sim, não estaríamos cumprindo o nosso dever, pois, cientes da sua realidade ante centenas de ob-

servações e de pesquisas, sentimentos no dever de incluí-las no quadro das psicoses—Despertaremos a atenção dos estudiosos e dos investigadores dignos, pois, para demonstrar a sua não veracidade terão de pesquisar e, pesquisando,

estão sendo construídos e mais outros ainda, em projeto que se tornará realidade, cada vez mais enriquecendo a ciência espírita.

No Rio de Janeiro já está em plena atividade a *Sociedade de Medicina dos médicos espíritas*.

SANATORIO ————— **ESPIRITA**
DE UBERABA
MOVIMENTO MENSAL
ANO 1941 **Nº 5**

	EXISTIAM			ENTRARAM			CURADOS			MELHORADOS			TRANSFERIDOS			FALECIDOS			RETRADOS			EXISTEM			
	B		E	B		E	B		E	B		E	B		E	B		E	B		E	B		E	
	H	M		H	M		H	M		H	M		H	M		H	M		H	M		H	M		
JANEIRO	23	15	0	0	7	6	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
FEVEREIRO	22	12	0	0	3	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	
MARÇO	19	18	0	0	5	3	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	
ABRIL	22	21	0	0	4	0	0	4	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	4	2	0	0	
M A I O	17	21	0	0	8	4	0	0	4	1	0	0	0	2	3	0	0	1	0	0	3	2	0	0	
JUNHO	15	18	0	0	7	6	0	0	2	3	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	4	1	0	0	
JULHO	15	20	0	0	4	3	0	0	1	2	0	0	2	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	
AGOSTO	15	19	0	0	8	3	0	0	1	1	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	
SETEMBRO	20	16	0	0	7	0	0	0	5	1	0	0	5	1	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	
OUTUBRO	16	20	0	0	8	3	0	0	2	4	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	
NOVEMBRO	20	17	0	0	1	4	0	1	3	2	0	0	2	0	0	1	0	0	0	1	2	0	0	0	
DEZEMBRO	12	16	0	0	9	7	0	0	3	2	0	0	2	1	0	0	0	0	0	2	2	0	0	0	
TOTAL	0	0	71	52	0	2	30	20	0	0	14	7	0	1	14	5	0	0	3	3	0	1	20	14	0
JANEIRO, 1942	13	18																							

O DIRETOR MÉDICO *Benedito Roberto* **BENEDITO ROBERTO,**

Quadro geral sobre o movimento de enfermos durante o ano de 1941, no
SANATÓRIO ESPIRITA DE UBERABA

terão oportunidades para chegar a conclusões que darão novo rumo ao que até agora não tem sido aceito a priori.
 Já possuímos em pleno funcionamento, vários hospitais dedicados à cura das *obsessões*; outros

Em S. Paulo, o dr. Ozorio Cezar, um estudioso dos fenômenos psíquicos, já levou o resultado favorável das suas pesquisas em plena Sociedade de Medicina, encontrando o apôio de vários colegas.
 Marchamos, assim, lentamente

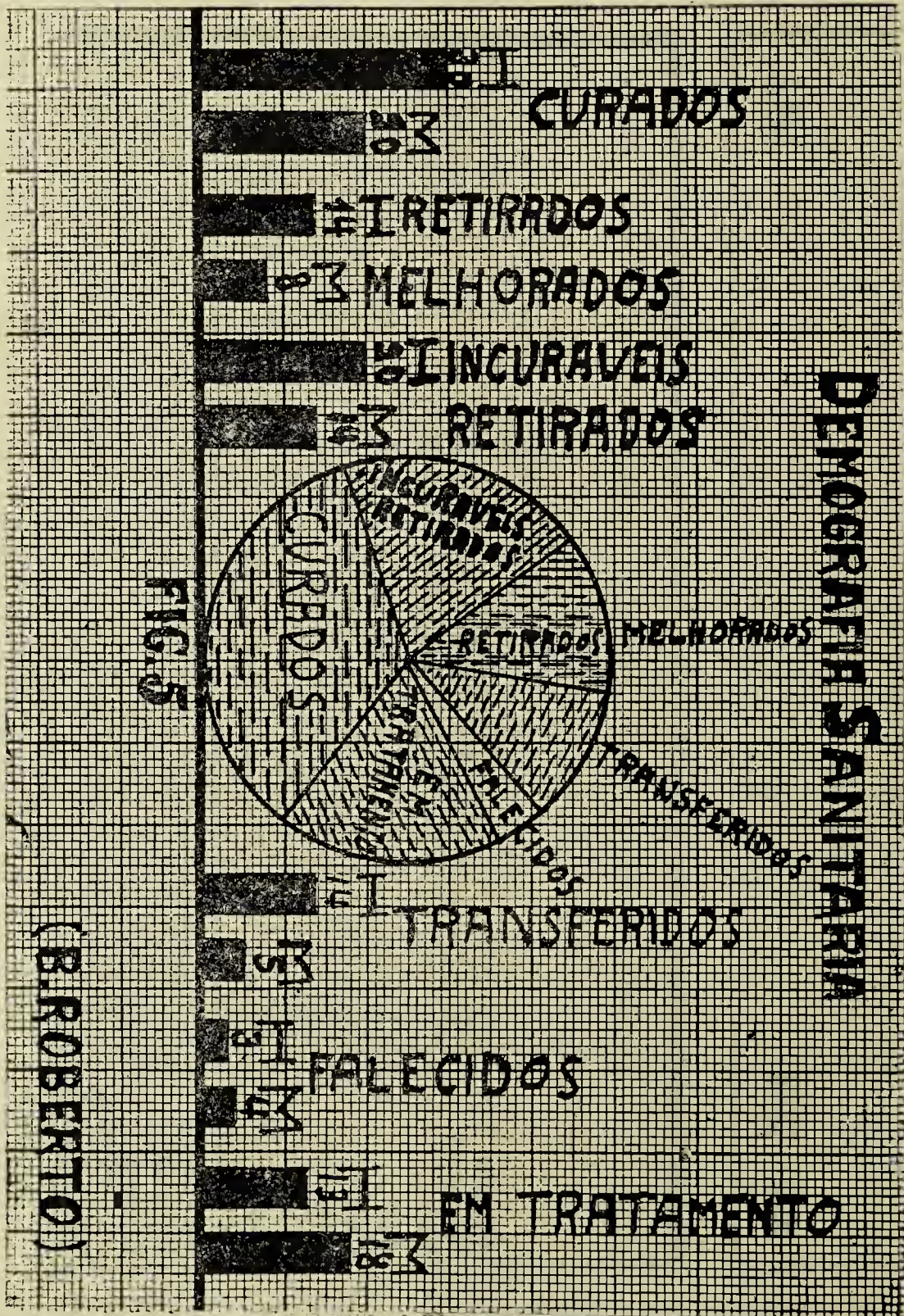
te, mas com segurança, certos de que o novo campo de investigações em que empregamos o nosso esforço, dará à futura ciência médica, um novo incremento, fortalecendo as suas bases e fortifican-

que passaram pelo cadinho das críticas e das investigações.

Assim tem acontecido e assim acontecerá também com o estudo das *obsessões*

Não importa.

Quadro Demonstrativo sobre o movimento demográfico-sanitário.



do, mais ainda, os seus princípios.

As grandes realizações no campo da medicina e que hoje contribuem para a sua glória e enriquecimento, só foram aceitas depois

Cedo ou tarde, estarão incluídas entre os demais diagnósticos, com a vantagem de corrigir uns e completar outros.

O movimento total de enfêrmos

durante o ano de 1941, no SANATÓRIO ESPÍRITA DE UBERABA é o que consta do primeiro quadro.

Como acabamos de vêr, pelo número de entrada de enfêrmos, foi grande, imenso, o benefício prestado pelo Sanatório, mormente em se sabendo que 2/3 dos enfêrmos eram indigentes.

Melhor percentagem de curas não pode ser exigida em um hospital onde não existem aparelhagens materiais, mesmo porque é um número que está na altura da-

queles obtidos por quaisquer outras instituições nas quais os recursos financeiros e de pessoal não preocupam os seus dirigentes.

Juntamos, também, o mapa do movimento mensal de enfêrmos, afim de que melhor se possa aquilatar o movimento parcelado com o conseqüente trabalho imposto.

No próximo número, com as considerações precisas, publicaremos os gráficos sôbre DIAGNÓSTICOS E RELIGIÃO professada pelos enfêrmos.

PRIMEIRO CONGRESSO ESPÍRITA PAN-AMERICANO

CONFORME noticiámos, a Comissão organizadora do Primeiro Congresso Espírita Pan-Americano, nomeada pela Federação Espiritista Argentina, está trabalhando febrilmente para reunir nêsse grande conclave, todas as entidades espíritas das Três Americas, com o fim de fundar uma Federação Espírita Americana.

Tratando-se de um empreendimento que virá beneficiar sumamente a propaganda do Espiritismo, a Comissão Organizadora dêsse Congresso, conta com o auxílio moral e pecuniário de todos os espíritas.

E' assim que solicitamos aos caros confrades atenderem ao justo apêlo de referida Comissão, não só com o intuito de ajudá-la nêsse labor de espiritualização, como também para demonstrar aos confrades argentinos que os espíritas brasileiros, unidos pelos laços da fraternidade, estão sempre prontos a cooperar para o completo êxito das grandes realizações.

ORGANIZAÇÃO E PROGRAMA DO CONGRESSO

O Congresso se realizará nos dias 9, 10, 11 e 12 de Julho de 1942.

Dia 9 — Recepção dos Congressistas.

Dias 10 e 11 — Sessões plenárias (propósta e projéto.)

Dia 12 — Designação da Federação Espírita da América e homenagem aos delegados do exterior.

Congressistas

Haverá duas categorias de congressistas: oficiais e individuais.

a) Serão considerados congressistas oficiais todos os que forem representando sociedades, revistas, jornais e federações da América;

b) Congressistas individuais, os que aderirem individualmente ao Congresso;

c) Os congressistas oficiais terão voz e voto em todas as deliberações;

d) Os individuais só terão voz;

e) Cada representação ao Congresso só terá um único voto, seja federação, sociedade, revista ou periódico, podendo uma única pessoa levar mais de uma representação ao Congresso.

Adesões

O importe das adesões ao Congresso será:

a) Para as representações: 5 dólares ou 20 pesos argentinos (m/m . . . 100\$000);

b) para os aderentes individuais: 1 1/2 dólares ou 4 pesos argentinos (m/m 30\$000).

As propostas a se apresentarem ao Congresso terão um máximo de 2.000 palavras. As ditas propostas poderão ser em castelhano, português, inglês e espanhol.

Para as inscrições no Congresso e recebimento de propostas se fixa um prazo de 2 meses antes do Congresso, ou seja, até 30 de Abril de 1942.

Fica aberta uma lista de subscrição

para custear as despesas da realização do Congresso. A contribuição é voluntária, devendo ser remetida em nome do sr. Enrique L. Pérez, tesoureiro da Confederación Espiritista Argentina, Moreno 2.835, Buenos Aires, Republica Argentina.

A Redação da «Revista Internacional do Espiritismo» tem em seu poder uma lista de subscrição. Os confrades que desejarem enviar sua contribuição ao Congresso poderão fazê-lo por nosso intermédio.

A Alma Animal

J. B. Chagas

(Conclusão)

«Tudo é graduado na natureza» — diz o grande naturalista *Charles Bonete*. «Como não ha nada grande nem pequeno» — acrescenta, êsse mesmo sábio que também compreendia a linguagem de muitos animais. *Dupont de Nemurs* deu-se à tradução maravilhosa dos *Cantos dos Rouxinóis* e o *Dicionário da lingua dos corvos*.

Foi *Stahl* (Jorge Ernesto), quem estabeleceu uma diferença entre as duas naturezas — a bruta e a viva; que engendrou uma *fôrça vital* extrinseca à matéria viva, para explicar a vida, partindo da premissa de que as fôrças naturais estavam em antagonismo com o corpo vivo.

Descartes e *Van Helmont* partilharam também dessa opinião, porém o sábio alemão levou mais longe a sua teoria e por isso pode ser considerado também hodiernamente como o creador do animismo em fisiologia.

Muitos foram os sábios que admittiam, nos animais a alma de *Stahl*, alma que, associada ao *princípio vital* era quem dirigia os fenômenos intellectuais. Dentre êstes, podemos destacar como os seus principais defensores, na França — *Barthez* e na Alemanha — *Hufeland* e *Blumenbach*.

Estudando êsse magno problema da evolução humana, *Haeckel*, estabeleceu em 22 os estágios que o homem tem que atravessar até chegar o estado de humanidade, que vai da monera, até nós.

Apenas para ilustrar estas notas, vejamos êstes estádios:

1.º — Estádio original de *Mone-*

ra protoplasma sem núcleo nem membrana celular;

2.º — *Amiba*, ou célula de núcleo simples, revestida de uma membrana. Este estado correspondente ao ovo;

3.º — *Synamiba*, aglomeração de células de resultante da segmentação mais ou menos completa do ovo;

4.º — *Planéada*, espécie de larva;

5.º — *Gastréada*, estágio durante o qual o sêr informe abre uma cavidade que será o ventre com os órgãos digestivos;

6.º — *Os vermes turbelariados atuais*, que têm fôrma alongada, mas não possuem uma cavidade geral do corpo;

7.º — *Scolécidas*, já de posse de um líquido sanguíneo e de uma cavidade para os órgãos;

8.º — *Os vermes saciformes*, apresentando um rudimento de medula espinhal;

9.º *Vertebrados acreceanos*;

10.º — *Monorhineanos*, com um crânio rudimentar sem maxilares;

11.º — *Selacianos*, divisão das narinas, aparição do esqueleto, dos maxilares e dos dois pares de membros;

12.º — *Dispneutas*, primeiro estado de respiração pulmonar;

13.º — *Sozobrânquias*, que possuem, ao mesmo tempo pulmões e brânquias, permitindo-lhes respirar alternadamente na água e ao ar livre. E' igualmente nêsse estágio que apparecem as extremidades divididas em cinco dedos;

14.º — *Sozourios*, anfíbios que, como os precedentes, possuem, em diversas épocas de sua vida, pulmões

e brônquios, que, porém, contrariamente aos precedentes, conservam a sua cáuda na idade adulta, enquanto que perdem as suas brânquias;

15.º — *Protamniotas*, entre os quais as brânquias desaparecem totalmente, e em que se desenvolve uma membrana amniótica;

16.º — *Promammalianos*, que são animais do mesmo tipo, mas providos de mandíbulas dentadas;

17.º — *Marsupiaes*, cujo tipo é a sariguêia e que têm uma bolsa membranosa no ventre;

18.º — *Prosimiano*, tipo que se aproxima já dos macacos;

19.º — *Monocercos*, tipo de macacos de longa cauda;

20.º — *Antropóides*, macacos descendentes dos precedentes, mas já desprovidos de cáuda, aproximando-se da humanidade;

21.º — *Homem macaco* ou *antropopíthero*, não diferindo do homem senão pela forma do crânio e pela ausência da palavra. Equilibra-se verticalmente, e os seus pés são diferentes das mãos;

22.º — O *sér humano*, tal como o conhecemos.» (*Durville — CICLOS DA VIDA —* pag. 86 e 87).

Êstes estádios, contudo, não foram admitidos nem reconhecidos por grande número de naturalistas, embora alguns os aceitassem, como é o caso de *Gabriel Delane*.

* * *

O princípio teosófico da alma-grupo não é também para ser desprezado. Como toda hipótese, no terreno científico, ela deve ser digna de meditação e estudo, pelos que estudam e meditam.

De acôrdo com êsse princípio, os animais, segundo a sua espécie, formam grupos consideravelmente grandes ou relativamente pequenos, para a posse da alma-grupo, muito ao contrário dos homens que possuem particularmente a sua alma própria.

Assim, «o animal, parte constitutiva de determinada espécie, conforme o seu grau de adiantamento, pode afastar-se da coletividade a que pertence para receber o *corpo cau-*

sal, limite para a sua individualização.

O fenômeno da individualização não é, porém, faculdade que se possa atribuir a todas as espécies de animais.

Os de natureza infinitamente rudimentar chegarão pela lei das transformações continuadas à forma superior das sete classes de animais do plano em que se colocaram.

Dessas espécies de animais, cinco são os tipos conhecidos atualmente: o elefante, o macaco, o cão, o gato e o boi. Êstes, em contacto com o homem, por força dessa aproximação, mais depressa se identificam no seu meio e se inclinam às suas ações: — procuram entendê-los e se esforçam ainda por lhes satisfazer os desejos, chegando mesmo a demonstrar empenho no sentido de, conforme as suas condições, servir-lhes a contento, até que o sentimento de afeição que se vincula reciprocamente, desperte no animal o desejo de humanização, a qual se efetua, fatalmente, em consequência da familiaridade existente entre o animal e o seu dono e senhor».

* * *

Através da Evolução, pois, devido ao progredir sempre no sentido ascendente, por meio das múltiplas reencarnações, em mundos também vários, o Espiritismo admite também que todos os homens, chegarão um dia a possuir uma alma única, não no sentido restrito individualista, mas no sentido amplo de possuírem um só sentimento, um só desejo — o desejo do Bem, isto é, quando forem *anjos*, no dizer do Cristo, ou seja *espíritos puros*. Indissolúvelmente ligados pelos élos da Verdade e do Amor, orientados unicamente no sentido da Caridade, por certo, que a alma de um será idêntica, em pendor e sentimentos, a de outro, isto é, não possuirá personalidade individualizada, apenas nêsse sentido, da unicidade de vontades e inclinações. Daí, os espíritos elevados não levarem em consideração a questão de nome, ou de personalidade, que tanto nos interessa e preocupa.

Allan Kardec

NO dia 31 do corrente transcorre o 73.º aniversário do desincarne de Léon Hyppolite Denizard Rivail (Allan-Kardec), cujo desincarne verificou-se em Paris, em 31 de Março de 1869, na idade de 65 anos, por motivo da ruptura de um aneurisma.

Essa é uma das mais importan-

das à beira do túmulo do Mestre: a primeira pelo sr. Levent, em nome da Sociedade Espírita de Paris; a segunda pelo sr. Camille Flammarion, que não fez sómente um esboço do caráter de Allan Kardec e do papel que cabe aos seus trabalhos no movimento contemporâneo, mas ainda, e sobretudo, um exposto da situação das ciências físicas, no ponto de vista do mundo invisível, das forças naturais desconhecidas, da existência da alma e de sua indestrutibilidade. Em seguida tomou a palavra o sr. Alexandre Delanne, em nome dos espíritas dos centros afastados; e depois o sr. E. Muller, em nome da família e de seus amigos, dirigiu ao morto querido, os últimos adeuses.

«Todos os jornais da época se ocuparam do desincarne de Allan Kardec e procuraram medir-lhe as consequências. Eis aquí, a título de lembrança, um trecho do que a êsse respeito escreveu o sr. Pagés de Noyes, no «Jornal de Paris», de 3 de Abril de 1869:

«Aquele que por tão longo tempo ocupou o mundo científico e religioso sob o pseudônimo de Allan Kardec chamava-se Rivail e morreu na idade de 65 anos.

«Vimô-lo deitado num simples colchão, no meio dessa sala das sessões que ha tantos anos êle presidia; vimô-lo com o semblante cal-

mo como se extinguem aqueles a quem a morte não surpreende e que, tranquilos quanto ao resultado de uma vida honesta e laboriosamente preenchida, imprimem como que um reflexo da pureza de sua alma sôbre o corpo que abandonaram.

«Resignados pela fé em uma vida melhor e pela convicção da imortalidade da alma, inúmeros discipu-



ALLAN KARDEC

tes datas registradas no Calendário Espírita, data que marcou o advento de uma nova era de espiritualização da humanidade e que jamais desaparecerá, pelo contrário permanecerá através dos séculos como um sol sem ocaso, a iluminar o caminho que conduz as almas para o reino imortal de Deus.

«Quatro orações foram proferi-

los tinham vindo lançar um derradeiro olhar áqueles lábios descorados que ainda na vespera lhes falavam a linguagem da terra. Mas êles recebiam já a consolação de além-túmulo: o espírito de Allan Kardec veio dizer-lhes quais haviam sido suas condições, quais as suas primeiras impressões, quais, dos que o haviam precedido no além-túmulo, tinham vindo ajudar sua alma a desprender-se da matéria. Se «o estilo é o homem», aqueles que conheceram Allan Kardec em vida não podem deixar de ficar emocionados pela autenticidade dessa comunicação espírita».

Allan Kardec desincarnou como desincarnaram os grandes enviados do Alto: na humildade e na pobreza de bens terrenos. E como aqueles, deixou êle a revelação de cousas até então desconhecidas, quais as da imortalidade da alma, sua evolução e seu destino, assentando os alicerces de

uma nova estrutura moral, científica e filosófica, sôbre a qual os povos, as nações e o indivíduo particularmente, resolverão os complexos problemas de sua existência.

A' medida que os tempos passam mais se avoluma o valor de Allan Kardec pelo seu trabalho e suas obras que, a-pesar-de combatidas e incompreendidas pelo espírito de sistema, absorvido por interêsses pessoais e materiais e preconceitos de toda espécie, mais se defundem e, como a luz, desfazem as trevas da ignorância.

Relembrando o 73.º aniversário do Codificador da doutrina espírita, codificador que não pode deixar de ser o Paracleto prometido pelo Mestre dos Mestres, Jesus Cristo, «Revista Internacional do Espiritismo» rende-lhe uma pálida, porém sincera homenagem.

Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klors Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Durante outra reunião, conseguimos que «Frank», um dos espíritos que perturbavam a Sra. Burton, deixasse esta, e se utilizasse da médium, demonstrando possuir muito pouca memória.

Méd.—Donde viestes ?

Esp.—Não sei.

Méd.—Conheceis alguma das pessoas presentes ?

Esp.—Não vejo nenhum conhecido.

Méd.—Não sabeis também donde viestes ?

Esp.—Não sei. Como quereis que eu responda a coisas que eu mesmo ignoro ?

Méd.—Ha quanto tempo morrestes ?

Esp.—Morto ? Que idéia ! Dizei-me o que ha comigo. Acho curioso vêr toda essa gente sentada ao meu redor. Estão fazendo uma reunião ou como se chama isto ?

Méd.—Sim, é uma reunião. Buscai dizer-nos quem sois.

Esp.—Não sei porque devo dizer-vos isto.

Méd.—Sois estranho a nós.

Esp.—Não sei si ficarei aquí ou não. Sinto-me sempre contrafeito entre estranhos.

Méd.—Dizei-nos, donde viestes ?

Esp.—Por minha vida ! Como dizer-vos isto si eu mesmo não sei ? Porque segurais meu braço ? Sou um homem forte e posso suster-me sozinho.

Méd.—Pensei que fosseis mulher.

Esp. Deus me livre ! Porque pensais que sou mulher ? Deveis olhar de novo porque sou homem, com toda a certeza, e tenho sido sempre homem. Coisas estranhas, porém, têm acontecido, que não sei explicar e sinto-me desorientado. Eu ia caminhando e ouvi alguém cantar e, assim prestei atenção, senti-me bem. Já vos disse que havia muito tempo que não me sentia bem; tudo me parecia diferente. (Antes de ficar emaranhado na aura da paciente) Não sei o que ha comigo. Alguem me disse que si entrasse no lugar de onde procediam os cantos me explicariam tudo. Perguntava-o a todas as pes-

soas que ia encontrando e todas passavam sem fazer caso de mim ; elas estavam tão cheias de si que não queriam falar com outra pessoa. Davam-me, todas, a impressão de figuras de cera. Por minha vida ! Não tenho feito mais que falar e falar, caminhar e caminhar, sem encontrar, por nada no mundo, uma pessoa que me respondesse ou que reparasse em mim. (Na sua qualidade de espírito ficava invisível aos mortais). Sois o primeiro que respondeis a uma pergunta minha. De quando em quando, sinto uma coisa na minha garganta e não posso falar, porém logo fico bem. Mas eu me sinto singularmente estranho, muito estranho.

Méd. — Podeis lembrar-vos de algo que vos aconteceu há tempos ?

Esp. — Algo acontece todos os dias. Um dia lembro-me de uma coisa e outra vez outra coisa, mas não me lembro de nada claramente. Não posso saber onde estou. E' a coisa mais singular que já vi.

Méd. — Que idade tendes ?

Esp. — Não vos posso dizer. Ha muito tempo que não sei de minha idade. Ninguém nunca me perguntou isto e o facto é que acabei esquecendo-a. (Ouvindo o barulho de um trem que passa). Como é isso? Parece que è um trem que vem chegando. Há muito tempo que não ouço isto. Parece que eu vivo de novo por um instante. Não sei o que é.

Méd. — Onde moraveis antes ? Onde pensais que estais agora ?

Esp. — Não sei onde morava antes, porém me encontro nesta sala com uma porção de gente.

Méd. — Sabeis que estais em Los Angeles, California ?

Esp. — Por minha vida, não !

Méd. — Onde pensaveis estar ?

Esp. — Não me recordo das coisas. Há vezes que vos posso dizer que sou mulher e, então, recebo algo de que não gosto. (Tratamento estático aplicado à paciente).

Méd. — Que recebeis ?

Esp. — Quando sou mulher, tenho cabelo comprido e quando o cabelo é solto essa coisa engraçada começa. (A Sra. Burton tinha o costume de soltar os cabelos durante o tratamento).

Méd. — Que quereis dizer ?

Esp. — Parece que um milhão de agulhas me picam e, por minha vida, é a pior coisa que já vi em toda a minha vida. Não quero ser mulher. Só recebo essa coisa estranha quando sou mulher.

(Vendo a Sra. Burton no círculo). Ela é a que tem cabelo comprido. (Dirigindo-se à Sra. Burton). Ajustarei contas com a senhora !

Méd. — Conheceis essa senhora ?

Esp. — Sim, ás vezes fica furiosa comigo e quer afugentar-me.

Méd. — Naturalmente não vos quer perto dela. Com certeza a importunais.

Esp. — Ela também me incomoda.

Méd. — Procurai compreender a vossa situação. Não podeis realizar que sois um chamado «morto»? Nêste momento, sois mulher. Observai as vossas roupas. Dizeis que sois homem e no entanto estais usando roupas de mulher.

Esp. — Por amor de Deus ! Não quero ser mulher. Sou homem e quero ser homem. Fui homem todo êste tempo, mas eu não posso saber como poderei sair desta situação. Essa mulher fala para eu sair e eu procuro sair mas não posso. (Reconhecendo subitamente o Dr. Wickland). Foi o senhor quem me deu aquele fogo. Louvado seja Deus ! Preciso livrar-me de si. Não gosto do fogo que me deu. Não quero ter nada com o senhor !

Sra B. — Quanto tempo estivestes comigo ?

Esp. — Convosco ? Sempre me repelistes. Que fizestes com aquela outra mulher que estava comigo ? (Outro espírito obsessivo já desalojado da paciente). Ela cantava para mim. Perdemô-la. Estive procurando por ela. Podeis dizer-me onde ela está ?

Méd. — Ela deixou esta senhora e serviu-se dêste mesmo corpo como estais fazendo agora ; depois disto foi para o mundo espiritual. E' também o que ireis fazer assim que sair daqui.

Esp. — Esta senhora (a Sra. B.) não tem motivo para censurar-me como ela faz. Não lhe causei nenhum prejuizo.

Méd. — Suponde que sois uma senhora e que algum espírito vos incomode ; gostaríeis dêle ?

Esp. — Certamente que não gostaria dêle.

Méd. — Vós a incomodaveis. Sois um espírito e ela é um sêr mortal. Ela quer ficar livre de vós.

Esp. — Ela me incomoda com todas aquelas agulhas. Elas ferem-na na cabeça e parece que as agulhas estão ferindo a minha cabeça . . .

Méd. — Ela está no seu corpo mortal, porém sois um espírito, invisível a nós.

Esp. — Que quereis dizer ?

Méd. — Justamente o que eu digo. Sois uma inteligência invisível a nós. Estais temporariamente usando o corpo de minha esposa.

Esp. — Nunca vi a vossa esposa e não o quero. Digo-vos uma coisa que é que sou homem e que nunca serei outra coisa e não quero ser casado convosco.

Méd. — Podeis ser homem como dizeis, mas eu quero que conheçais o facto de que sois invisível a nós. Êste corpo é o da minha senhora.

Esp. — Por Deus, com certeza sou mulher ! (Observando as vestes da médium). Quando estas roupas vieram a mim ?

Méd. — Ha pouco que elas chegaram a vós. Como viestes aquí ?

Esp. — Alguém me disse: «Ide alí e recebereis esclarecimentos, porque não precisais estar perambulando como andais fazendo. E agora sou mulher !

Méd. — Por um instante apenas. Procurai compreender o que vos estou dizendo. Perdestes o vosso corpo, talvez ha muito tempo.

Esp. — Esta senhora (a Sra. B.) é a culpada disto.

Méd. Estivestes perturbando esta senhora, provavelmente por muitos anos, e também a outros. Como vos chamais ?

Esp. — Não posso lembrar-me.

Méd. — Perdestes o vosso corpo material e estivestes caminhando dentro da escuridão exterior de que fala a Bíblia. Fôstes religioso ?

Esp. — Não quero saber nada dessa gente de igreja. Estou farto de todos êles. Todos dizem a mesma coisa: «Si não fizer isto ou aquilo, irá direito para o inferno, onde arderá por toda a eternidade». Já sabeis que o que ensinam e prégam é a condenação. Era ainda rapaz quando um sacerdote me disse que eu pararia irremediavelmente naquele terrível inferno e não me admitiram mais na igreja, porque não fazia o que êles queriam. Eu não acreditava em nenhum dêles, porque eu não era uma pessoa tão má. Depois que abandonei essa religião, resolvi experimentar outra. E outra vez, a meu pesar, caí no mesmo inferno e na mesma condenação. Tudo isso acabou por enfastiar-me. Falavam de Deus e de coisas santas e me exortavam a dar o meu dinheiro a Deus, e também o meu fumo. Eu não via porque Deus queria o meu fumo e também o pouco dinheiro que eu tinha. Não ia

comigo essa maneira de ver as coisas e resolvi deixar essa igreja. Fui para outra igreja e me falaram interminavelmente. Ao fim de certo tempo me disseram que estava nas mãos do diabo porque não entregava o meu dinheiro à igreja. Certa vez saí com os rapazes por um momento. Eu nunca bebia muito, porém o bastante para ficar alegre. E pensei: vou agora sentar-me na primeira fila. Assim pensei, assim fiz. E começaram a dizer-me que queriam salvar-me a alma para que Deus tomasse conta dela. O ministro assegurou-me que o diabo andava atrás de mim e isto assustou-me bastante. Êle disse: «Êle está vindo para pega-los». Eu pensei que devia olhar para atrás e provavelmente vê-lo, porém não o fiz. Êle continuou: «Levantai-vos, levantai-vos e salvaremos a vossa alma do inferno; vinde e sereis salvo. Adiantai-vos até a primeira fila e convertei-vos. Nascereis de novo».

Resisti por algum tempo mas acabei pondo-me de pé e avancei para o espaço que havia diante dos outros. Queria ver o que fariam. O sacerdote disse: «Ajoelhai-vos», e eu me ajoelhei. Então colocou as mãos encima da minha cabeça, cantando e rezando. Eles disseram: Convertei-vos agora. «Pareceu-me uma coisa muito solene isto de ver as moças colocando as suas mãos sôbre a minha cabeça, cantando e orando por mim. Aproximou-se de novo o sacerdote e me disse: «Devereis orar si não quereis que o diabo ande atrás de vós». Eu não era hipócrita, de modo que lhe disse que si eu era um pecador continuaria a sê-lo. «Eu não creio que o diabo seja uma pessoa» lhe disse ainda e êle ficou furioso. Êle pensou que eu era uma má pílula. Fizeram tudo para converter-me porém nada conseguindo me mandaram embora. Depois que saí dali, alguns homens saíram atrás de mim, de modo que eu corri tanto quanto pude, porém, alguém me bateu na cabeça e eu senti uma grande dôr. Caí mas levantei-me de novo. Queria arrojá-lo aquele homem pela colina abaixo, porém êle empurrou-me e eu saí rolando por ela abaixo. Depois que parei de rolar, vi uma porção de pessoas ao meu redor e logo depois continuei a sentir-me de novo bem.

Méd. Foi provavelmente nessa ocasião que perdestes o vosso corpo físico.

Esp. — Eu não morri !

Méd. — Em que lugar foi que rolastes da colina ?

Esp. -- Foi no Texas. Andei e corri e procurei falar com aquela gente, porém elas não me respondiam como si fôsem surdas. Eu sentia uma coisa estranha em minha cabeça. Pedi-lhes para informar-me onde era a minha casa. Sentia aquela dôr. Certa vez, fui-me embora e acerquei-me de uma senhora e ela me disse: «Siga-me» e, antes que me apercebesse, ví uma multidão ao nosso redor e ela gostava de cantar. (Evidentemente o espírito de Carrie Huntington. A paciente Sra. Burton foi, muitas vezes, incomodada por espíritos que cantavam) Falei com ela algum tempo e logo então ela desapareceu e depois eu recebi aquelas agulhadas. (Exercia maior domínio sôbre a enfôrma e sentiu o tratamento elétrico mais intensamente). Elas me molestaram bastante.

Méd. -- Sois um espírito e estais agora usando o corpo de minha esposa.

Esp. -- Como consegui entrar no corpo de vossa esposa? Gostais que entrem em vossa mulher toda a sorte de vagabundos?

Méd. -- Sim, o tempo suficiente para dar aos espíritos uma compreensão do mundo espiritual.

Esp. -- Estas roupas são da vossa esposa? Elas me estão emprestadas por um momento? Foi vossa esposa que me vestiu? Doi-me apresentar-me como mulher e não como homem. Que pensará esta gente? Que estou maluco? (Ri). Não têm graça alguma.

Méd. -- Sois um espírito ignorante e estais em trevas. Espíritos inteligentes vos trouxeram aquí para que compreendesseis a vossa situação. Também êles vos afastaram dessa senhora. (a Sra. B.)

Esp. -- Ela vai de novo receber aquelas terríveis agulhadas?

Méd. -- Ha mais gente donde viestes? Ou sois o último?

Esp. -- A mulher e o outro homem se foram, então me destes as agulhadas. Escouciei como um novillo para escapar-me, mas não podia. Lembrei-me então do ministro que me falou no inferno.

Méd. -- Aquele inferno não é igual a êste. Ha espíritos aquí que vos ensinarão como progredir no mundo espiritual; eles vos auxiliarão. Vosso pai ainda vive?

Esp. -- Não sei. Não vejo meu pai a uns 25 ou 30 anos. Minha mãe morreu, mas não sei si meu pai também morreu. Não sei de nenhum dos meus parentes.

Sra. B. -- Foi em Novembro que vos encontrei?

Esp. -- Sim, desde essa ocasião tenho estado doente. Não era eu quem estava mais perto da senhora, era a moça. Minha cabeça doi-me horivelmente.

Méd. -- Em que ano pensais que estais?

Esp. -- Penso que em 1888 ou 1891.

Méd. -- Estamos em 1920, agora.

Esp. -- Então algo aconteceu a mim.

Méd. -- Estivestes muitos anos em profunda escuridão espiritual.

Esp. -- Estive perambulando, sempre perambulando até que encontrei com esta senhora que aí está. (a Sra. B.) Quis ir-me embora. Eu lutava e ela lutava e tínhamos lutas regulares. Oh! Olhai alí! Vêde! Minha mãe! Oh mãe! Podeis perdoar-me? Eu não fui o que quisestes. Mãe, quereis levar-me convosco? Sinto-me cansado e necessito do vosso cuidado e auxílio. Quereis levar-me? Oh minha mãe.

Méd. -- Que diz ela?

Esp. -- Ela me chama. E diz: «Sim, Frank, virás comigo. Ha muito que estou a tua procura». Estou ficando fraco; sinto-me cansado. Minha mãe diz: «Frank, não temos uma compreensão da verdadeira vida porque não nos foi ensinado o que devíamos saber, de modo que não aprendemos a conhecer o maravilhoso mundo de Deus. As religiões estão longe da vida real. Os ministros só ensinam que devemos crer e seremos salvos. Não, não, a fé não é o bastante. Devemos conhecer a Deus. E não «O conhecemos». «Frank, nós te ajudaremos a saber que bonito mundo existe do outro lado da vida, quando temos compreensão. Deves esforçar-te para aprender as leis de Deus relativas à vida espiritual e servir para socorrer os nossos semelhantes. Foste muito mau em tua vida. Sei que eras um bom rapaz, mas sempre muito independente, e por isto saiste de casa logo que eu morri. Nosso lar desfez-se; foste para um lado e os outros para outro. Ignoro, Frank, as coisas que sucederam depois, mas eu desejo que a verdade seja dita. Agora, vens comigo para o mundo espiritual, onde teremos conhecimentos. Alí teremos amor, harmonia, paz e bem-aventurança, porém temos que viver um pelo outro. Não devemos importunar ninguém nunca mais, como andaste fazendo. Vem, Frank, iremos para uma bela casa no mundo dos espíritos. Obrigada e adeus!

(Continua).

O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XLI —

Psicanálise e Espiritismo

Começemos a analisar, à luz bela e forte da Doutrina Espírita, a maior panacéia científica que tem existido através de todos os tempos entre as camadas que se presumem cientistas de verdade: a Psicanálise! Panacéia científica que realizou o grande milagre de se infiltrar em tudo, arrastando a cientistas sem Deus e sem espiritualidade a tudo explicarem, sem nada explicar, por meio dela! Panacéia que, embora negue, contrariando até a própria significação do termo, a existência da *psiqué* é, entretanto, uma incoerente fundamentação de que a alma existe e deve ser analisada.

Por isso que nós, sem ser sábio em coisa alguma, vamos analisar a *psiqué* da psicanálise e do espiritismo, que ela, a pretenciosa e fátua, procura, também, explicar com seus irracionais *complexos*, *recalcamentos* e quejandos mistifórios.

Começemos por ilustrar estas razões com um facto concreto, de ontem.

Ilustre psicoanalista de nossa particular estima, apresenta-se de fumo negro ao chapéu e no braço, de volta da missa de sétimo dia, por alma do pai. Não nos contivemos que lhe não dissessemos:

— Justifico seu luto. Para você, bom filho, materialista e psicoanalista que é, seu pai está morto, completamente desaparecido. E' justo pois seu luto. Mas, a missa, que só é celebrada em intenção da alma, que, para você, seu pai não a tinha?

— Simples formalidade social, meu amigo.

— Aquí está uma das muitas falências da sua scienciazinha psiconalística. A verdadeira ciência e o cientista de verdade, devem ser emancipados, completamente, de formalidades sociais e respeitos humanos. De que serve uma ciência que não tem poder e valia de libertar-nos de convenções e preconceitos mundanos, que nos levam a reverenciar, em atos religiosos, aquilo que ela nega? Glória, assim, ao meu espiritismo que, se outros méritos não tivesse, só o mérito de romper com essas formalidades e quejandas toli-

ces sociais, deveria valer alguma coisa...

Admiramos Sigmund Freud, que é, incontestavelmente, um grande gênio. O maior gênio do século. Maior do que Dumond, do que Edison, do que Zaharoff, que são, parece, as maiores cabeças dos últimos tempos. Maior do que verdades incontestes, como o Esperanto, a iluminação elétrica e o avião, deve ser, impossível negá-lo, uma grandissima panacéia, como é a *Psicanálise*, que logrou interessar e empolgar grandes nomes em todos os ramos das atividades científico-culturais do mundo. Freud, o maior gênio dos tempos, conseguiu destruir, sem substituir por coisa melhor, todo um passado glorioso de filosofias, religiões e ciências. E até de artes e de educação e criminologia. Com algumas vassouradas, apenas, da sua doutrina renovadora, destruidora, arrazou, arrastando-as para o lixo das velharias imprestáveis, os Aristoteles e os Kants, os Budas e Jesus de Nazaré, os Croockes e Claude Bernards, os Homeros e Alighieri, os Rousseaus e Pestalozzi, os Lombrosos e Rui Barbosas. Gênios, no sentido exatissimo do termo! Ciência, filosofia, religião, moral, arte, criminologia, educação, psicologia, justiça e direito, sociologia e pedagogia, medicina e antropologia, tudo, tudo foi reformado, remodelado, atualizado pelo grande gênio e seus imediatos seguidores. Nada escapou ás suas picaretas destruidoras, ás suas colheres-de-pedreiros construtoras. O homem, com o seu universo psicológico, interior; o mísero e orgulhoso microcomo, foi o que mais sofreu, espremido pelas tenazes psicoanalísticas. Deixou de ter alma, de possuir faculdades angelicais, de pensar, sentir e amar, capaz de receber influências de fora, do ambiente em que se agita e vive, para ser um títere perfeito das funções de suas glândulas, de seus neurônios, de sua *libido* ou de seus órgãos sexuais. Perdeu o raciocínio e a consciência, que sua consciência e seu raciocínio derivam, apenas, do funcionamento de suas vísceras, de seus órgãos genitais, de suas glândulas. E lá se vai por água abaixo a grandeza humana, o orgulho humano, a

inteligência humana, porque o homem fica reduzido, pela psicoanálise, como veremos, à pior das feras, ao mais ínfimo dos animais.

O Espiritismo, que põe o homem, na qualidade de espírito encarnado, em posição bem mais lisongeira e nobre; que nos empresta dignidades e sublimações, vai dizer, pela pena de um dos seus mais modestos servidores, que, contra tudo e todos que rebaixam, em nome de ciências falsas e falsíssimas sabedorias materialistas, a espécie humana, êle aí está para desmanchar, em nome da verdade e da lógica, figurações e embromações, venham de onde vierem. Vai dizer que nada pôde estar acima de Deus, do Espírito, da Verdade, do homem feito a mais bela emanção da divindade.

E o século de maravilhas, que se lhe ajustou o batismo de «Século das Luzes» foi, incontestavelmente a éra que, até hoje, conteve maiores maravilhas e mais justas mistificações. Maravilhas que não puderam, entretanto, ser devidamente contempladas e experimentadas pelos homens, arrastados que foram a preferir, por inferioridades acumuladas do seu espírito, mistificações dolorosas. Por isso que sua civilização aí está em ruína, a despeito de nada, absolutamente nada, lhe faltar, em

todos os terrenos, principalmente no científico e no religioso, para que o homem fosse feliz, a humanidade fosse melhor, a Terra fosse, um verdadeiro paraíso.

Das maravilhas do Século, é o Espiritismo a maior. Tão grande, que nem os próprios espíritas já lograram, integralmente, compreendê-lo, senti-lo, praticá-lo. E das mistificações, a maior, é a Psicoanálise. Tão grande, que se infiltrou por toda a parte, inclusive até em campos espiritualistas, visto como não è raro ver-se espíritas com os lábios cheios de *complexos, concientes e inconcientes, recalcamientos* e outras inexpressividades freudianas.

E' o que afirmamos por palavras.

E' o que demonstraremos com factos, estudando, paralelamente, a maior maravilha e a maior mistificação do século. Maravilha que deve penetrar tudo para preparar o homem, afim de, ainda mais digno e nobre, poder transformar a Terra no Paraíso e viver, felicissimo, nela. Mistificações que tudo penetrou, arrastando o homem a inferioridades e inconciências que o transforma num doente, e seu planeta em triste manicômio em que nunca será feliz!

E' o que vamos estudar para ver e analisar.

Crônica Estrangeira

Uma observação realista de fantasma

La Revue Spirite

Inúmeras pessoas tem visto o duplo etéreo de pessoas estimadas, cujo objetivo é, ordinariamente, anunciar a própria morte.

Aqui reproduzimos um desses casos, narrado por Gastão Fournier.

«Era eu um dos convidados ao jantar em casa de meus amigos M. e Mme. B... Ao chegar, constatei a ausência do comensal ordinário M. d'E..., que raramente faltava à mesa. Estranhei a ausência desse amigo comum, e Mme B... me responde que o amigo, empregado numa grande casa

bancária, sem dúvida deveria estar muito ocupado, pois não se o havia visto nos dois últimos dias.

A partir desse momento, já não mais se cogitou do ausente. O jantar transcorreu alegremente e sem que a dona da casa revelasse o menor sinal de preocupação. Durante o jantar, havíamos combinado ir ao teatro. Terminada a sobremesa, Mme B... saiu do aposento para tratar de sua toilette, deixando-nos, ainda, à mesa a fumar nossos charutos. De súbito, ouvimos um grito terrível. Precipitámo-nos para o quarto, e encontramos essa senhora caída na poltrôna, prestes a desmaiar. Pouco a pouco se restabelece e nos faz o seguinte relato: —

— Depois de vos ter deixado, vesti-me e estava prendendo as fitas do chapéu, diante do espelho, quando repentinamente vi, no cristal, d'E... entrar no aposento, pela porta que lhe dá acesso. Êle trazia seu chapéu à cabeça, estava pálido e triste. Sem me voltar, dirigi-lhe a palavra: «Eis vos aqui, finalmente! Sentai-vos, pois, e como êle não respondesse, voltei-me, e nada mais vi, tomada de pavor, dei o grito que ouvistes. —

Meu amigo, para tranquilizar a esposa, pôs-se a gracejar, tratando a aparição de alucinação nervosa, e acrescentou que d'E... sentir-se-ia lisongeado ao saber a que ponto êle ocupava seu pensamento; mas como ela continuasse toda trêmula e com o fim de pôr têrmo a sua emoção, nós lhe propusemos ir imediatamente a casa do amigo d'E..., afirmando que o iríamos encontrar perfeitamente bem.

Não pensei um só instante nêsse amigo, declarou a senhora, depois que M. Fournier me interrogou sôbre a causa de sua ausência. Não sou medrosa e jamais tive alucinações; eu vos afirmo que lhe aconteceu algo de extraordinário, e não poderei socegar antes de receber notícias; ide a casa dêle, eu vô-lo suplico: é êste o único meio de me acalmar.

Eu era do mesmo parecer, e dirigimo-nos a casa do amigo comum, que aliás não ficava distante. Durante a marcha, muito gracejámos sôbre os temores de Mme. B...

Ao chegarmos, perguntámos ao porteiro se o nosso amigo estava em casa.

— Sim, êle hoje ainda não desceu.

Êle morava num pequeno apartamento e não tinha empregado. Subimos e vezes seguidas fizemos soar a campainha, sem obter resposta. Depois batemos fortemente à porta, sem o menor sucesso. B..., muito emocionado, disse: «O porteiro deve estar engando; d'E... está fora». Desçamos. Mas o porteiro nos afirma que d'E... não saíra, facto de que estava absolutamente certo.

Verdadeiramente assustados, subimos de novo e dessa vez em com-

panhia do porteiro e mais uma vez tocámos a campainha; mas, não ouvindo ruído no apartamento, enviámos o porteiro em busca dum serralheiro. Aberta a porta, encontrámos nosso amigo estendido sôbre a cama, morto a tiros de revolver, o corpo ainda estava quente.

O médico, que imediatamente mandámos chamar, constatou que antes êle procurara suicidar-se ingerindo certa porção de láudano, e que, em seguida, verificando que o veneno não agia rapidamente, disparou dois tiros de revolver na região cardíaca. Segundo a constatação do facultativo, a morte se verificara uma hora antes. Era essa uma coincidência quasi absoluta, com a suposta alucinação de Mme. B... Sôbre um móvel, havia uma carta do suicida, anunciando ao casal B... a sua resolução, carta particularmente afável para Mme. B...



A História do Maquinista

The Progressive Thinker publicou anos atrás o seguinte facto espirita relatado pelo maquinista aposentado Freeland Jones:

«Em 1865, eu me empreguei, como foguista na Erie Raibroad Company e, três anos depois, passei a maquinista, função que desempenhei durante meio século. Em Novembro de 1891, eu conduzia um trem de passageiros, composto de quatro carros, no ramal de Gray Harbour. Sôbre um ponto da linha, o combôio deveria passar ao pé duma alta e longa escarpa rochosa. Ora, nêsse dia, chovera abundantemente e o leito estava amolecido (nêsse tempo as vias não eram tão sólidas com as modernas). O meu dever era avançar com marcha reduzida. No momento em que a minha composição se aproximava da escarpa, eu resenti uma impressão perturbadora, mais psíquica que física, á maneira de um desejo íntimo de estacar o meu trem. Mas eu repeli êsse pensamento e quis esquecer o que me parecia um temor superficial. Sem incidente atravessa-

mos a primeira metade do percurso perigoso, quando de súbito, ouço uma voz que diz: «Desabamento à frente». — «Você falou?», perguntei ao foguista, que responde: «Eu não pronunciei palavra alguma». Procuro observar a linha, e nada consigo lobrigar, na obscuridade da noite fechada. É o aviso imperativo de novo se faz ouvir: «Na frente, desmoronamento. Parai». Não mais hesito; empunho a alavanca, e faço parar a locomotiva. As lâmpadas dianteiras aclaravam mal, pobres lâmpadas a óleo, nessa época! — mas o guarda desce e vai explorar. Pouco depois está de volta e me diz: Há um rochedo sôbre os trilhos. Mas, quem lhe deu o sinal, Jones? Hoje sinto vergonha por não ter ousado confessar o que ouvi. Conteí uma história qualquer. Afirmei que vi o obstáculo, o que parecia humanamente impossível, mas que me valeu a reputação de famoso maquinista. Hoje arrependo-me dessa reticência. Eu deveria ter declarado a verdade e certificar que meu guia me havia prevenido do desabamento, que levou mais de quatorze horas de rude trabalho para ser removido e tornar livre a passagem.



Os Espíritos no Teatro

A grande cantora Nellie Melba, relatou, entre outras recordações espíritas, que certa noite, quando representava o *Parcifal*, ela sentiu-se imergir em semi-transe, e que nêsse estado ela havia cantado o seu papel com forte impressão, rodeada de Entidades que lá se achavam para ajudá-la e, ainda mais, aumentar a impressão de sua voz tão bela.

Muitas outras artistas fizeram análogas constatações no palco e sabe-se que Sarah Bernhard admitia como certo que, por vezes, o Espírito da trágica Rachel estava a seu lado, sôbre o palco.

O ator Ernest Milton certa noite representava Hamleto, isso na Inglaterra. Um amigo, por êle convidado, achava-se na primeira fila da orques-

tra. Dia seguinte, o artista vai passar algumas horas em casa dêsse amigo, cuja filha é médium. Ela cai em transe e lhe diz que na noite anterior, durante a representação, o Espírito de Henry Irving, ator célebre, conservou-se junto dêle. Anteriormente o famoso Dan Leno frequentemente inspirava Jacy Grimaldi. Quanto ao citado Irving, era êle sustentado, em seus papeis, por Edmund Kean.

Miss Lilian Baylis afirma dever o melhor de seus sucessos cênicos ao auxilio de grandes cômicos do passado, particularmente William Wycherley e George F. Cooke, êste o mais brilhante interprete, um século atrás, do repertório de Shakespeare. Sem dúvida poderíamos obter outros subsídios sôbre o curioso assunto da estimulação do talento de atores vivos por atores mortos, e outras confidências sugestivas, se abrissemos um inquérito no mundo teatral. Sabe-se que efetivamente existem muitos espíritas no teatro e fácil nos seria alinhar aqui longa lista de nomes reputados.



Cachorro salvador

«Constancia» transcreveu de «La Nacion», um dos maiores diários platinos, a nótula que a seguir reproduzimos:

«Bobby é o nome de um pequeno cão que foi ultimamente, objeto de uma homenagem especial na cidade de Otawa, Canadá. Homenagem, para dizer a verdade, merecida, visto ter o cão salvo a vida de uma criança, filho de seus donos, o casal Garland. Certo dia, pensando estar dormindo o menino, a mãe se dirigiu ao quintal para recolher a roupa que havia lavado. Mas o bebê estava desperto, e tantas voltas deu na cama que acabou por embarçar-se entre as varetas, correndo o grave perigo de asfixiar-se. O cachorro, que estava próximo, correu em busca da mãe, e tanto puxou pela barra da saia que a senhora acabou por ceder. A homenagem da mencionada cidade consistiu no presente de uma medalha.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Retiro dos Espíritas

Está em andamento, na Capital Federal, a construção do «Retiro dos Espíritas», empreendimento êsse idealizado pela nossa confrade D. Abigail Lima, presidente do Centro Espírita «Patria do Evangelho», com séde à Rua Alfredo Pinto, 35, na Tijuca.

O «Retiro dos Espíritas», que estará sob a administração direta do Centro Espírita «Patria do Evangelho», terá como objetivo principal a prática da Caridade e não cogitará de posições nem castas e nem de crenças ou convicções quaisquer.

idéia clara do alcance dessa obra, passamos a citar os principais: a criação e manutenção de um serviço médico farmacêutico destinado aos seus hospedes; compor-se-á de um pavilhão masculino, outro feminino e outro ainda para casais; possuirá, além disso, um ambulatório, uma enfermaria geral, possivelmente alguns quartos particulares, gabinetes dentários e para banhos de luz e sol; dentro das possibilidades da área dos terrenos oferecido para o Retiro, serão instalados meios suficientes para auxiliarem a manutenção do mesmo, tais como: granja, aviário, horta e po-

mares; futuramente serão creados pavilhões para creanças, cujos pais, por qualquer eventualidade, não possam tê-las em sua companhia, ou ainda por se acharem recolhidos no Retiro, em pavilhões competentes; haverá quartos para pensionistas espíritas no Retiro; cada Retiro ou Grupo de Departamentos



Já concorreram com valiosas dádivas para o Retiro dos Espíritas, os abnegados trabalhadores da seára espírita, D. Constança Carvalho, com um terreno medindo 2.600 metros, à rua Macieira, Campinho, Jacarepaguá, e Dr. Levindo Gonçalves Mello, com um terreno de 5.000 metros de extensão, na Estrada Rio-Petropolis, próximo à subida da Serra. O terreno doado pelo Dr. Levindo Mello, destina-se à Colonia de Férias, do mesmo Retiro.

São muitos os objetivos visados pelo «Retiro dos Espíritas» e, para os nossos leitores poderem fazer uma

terá acomodações próprias para velhinhos de ambos os sexos, bem como para crianças pobres, preferencialmente para as que sejam aparentadas dos abrigados; em cada Retiro haverá uma pequena enfermaria para casos urgentes; os Retiros serão mantidos pelos sócios do Centro Espírita «Patria do Evangelho», ou por donativos quaisquer; os médiuns abnegados, ou doutrinadores, os ex-diretores dos centros espíritas, os ex-jornalistas espíritas, em suma, os dedicados servidores do Espiritismo, cujo fim de vida seja enegrecido por privações e dificuldades de toda or-

dem, serão recebidos no Retiro como hóspedes de honra e tratados como irmãos mais velhos; o Retiro só receberá gratuitamente velhos de ambos os sexos, ou pessoas reconhecidamente inválidas e comprovadamente sem recursos.

O Retiro, no seu início, receberá socios contribuintes, fundadores e cooperadores, os quais começarão a gozar de tais direitos após um ano de contribuição ininterrupta e efetiva.

Como se vê o Retiro dos Espíritos é um empreendimento da mais alta importância, digno, portanto, do apoio incondicional dos espíritos em geral, que poderão pedir informações a respeito e mandar suas dádivas ao Centro Espírita «Pátria do Evangelho», Rua Alfredo Pinto, 35, Tijuca, Rio de Janeiro.

Simulador o Cristo?...

O nosso prezado colaborador, Mariano Rango D'Aragnona nos ofertou 2 exemplares deste trabalho de sua autoria, no qual refuta o Evangelho de J. B. Roustaing, principalmente no que diz respeito à natureza do corpo de Jesus.

Não desejamos tecer comentários em torno de tão malfadada e debatida questão, tanto mais que o que nos interessa não é a natureza do corpo de Jesus, mas o corpo de sua doutrina.

Uma coisa, porém, podemos afirmar: estamos com Allan Kardec, nessa e em todas as questões por êle apresentadas, estudadas e finalmente, resolvidas, porque temos a firme con-

vicção de que êle é, depois do Cristo, o maior missionário.

Gratos pela oferta dos 2 exemplares.

A Flama

Este importante órgão da imprensa mineira, que se publica em Uberaba, completou, dia 13 de fevereiro, o seu X aniversário.

Comemorando o auspicioso acontecimento «A Flama» circulou com o seu número de páginas aumentado, inserindo artigos e clichés referentes aos homens que trabalham pelo engrandecimento dessa prospera cidade mineira e às obras que atestam o seu invejável surto progressista.

«A Flama» é de propriedade do sr. Omar Prata de Oliveira, tendo como diretor o sr. Arlindo José Evangelista.

A esta nossa colega, cuja independência e sã orientação honram a imprensa uberabense, as nossas mais sinceras felicitações.

D. Constança Carvalho

Procedente da Capital Federal, encontra-se entre nós, desde o dia 30 de Janeiro último, a nossa companheira D. Constança Carvalho.

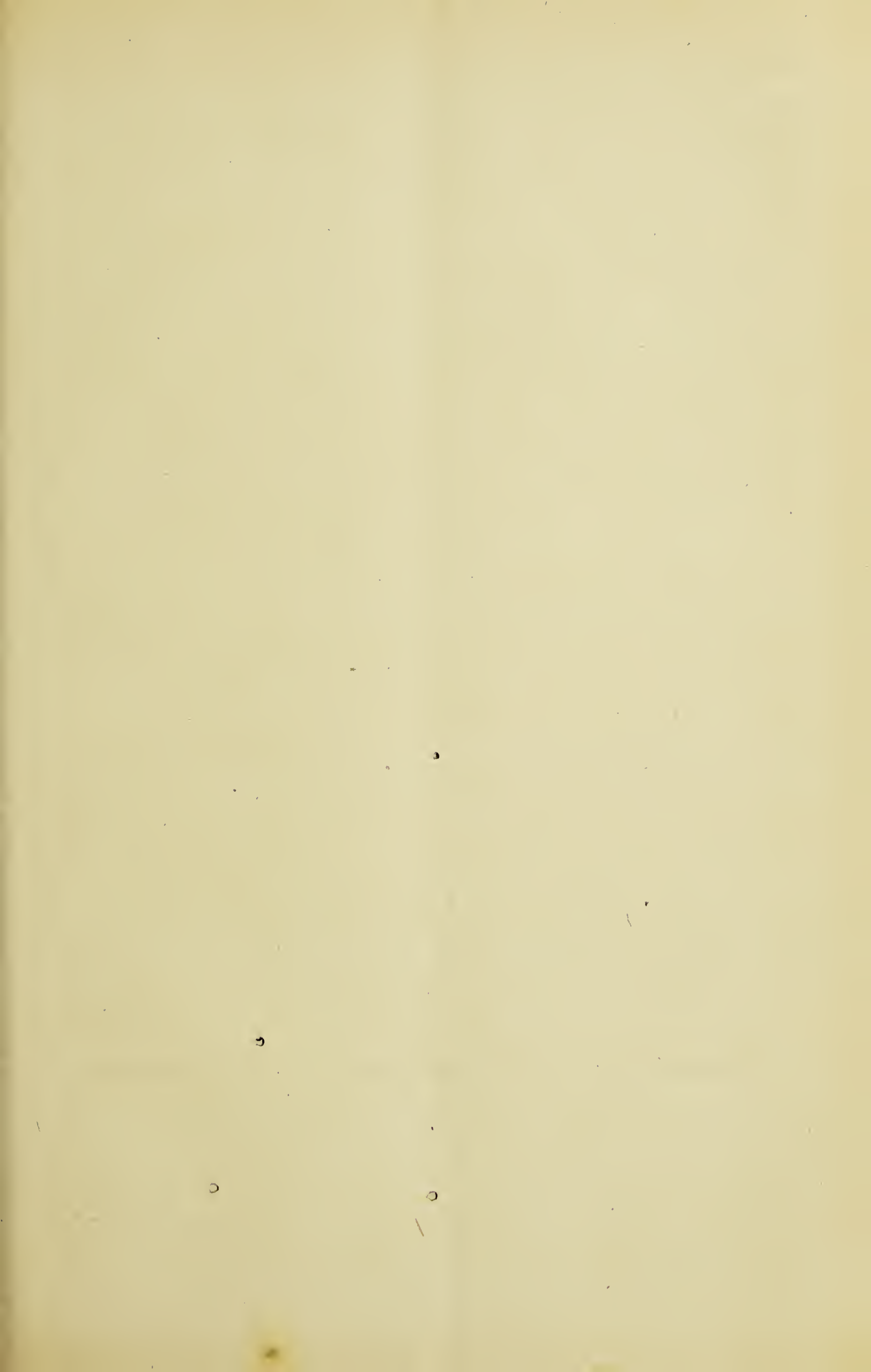
Esta abnegada serva do Senhor empreendeu tão longa viagem com o propósito de conhecer de perto, a obra cristã de Cairbar Schutel e conviver conosco alguns dias.

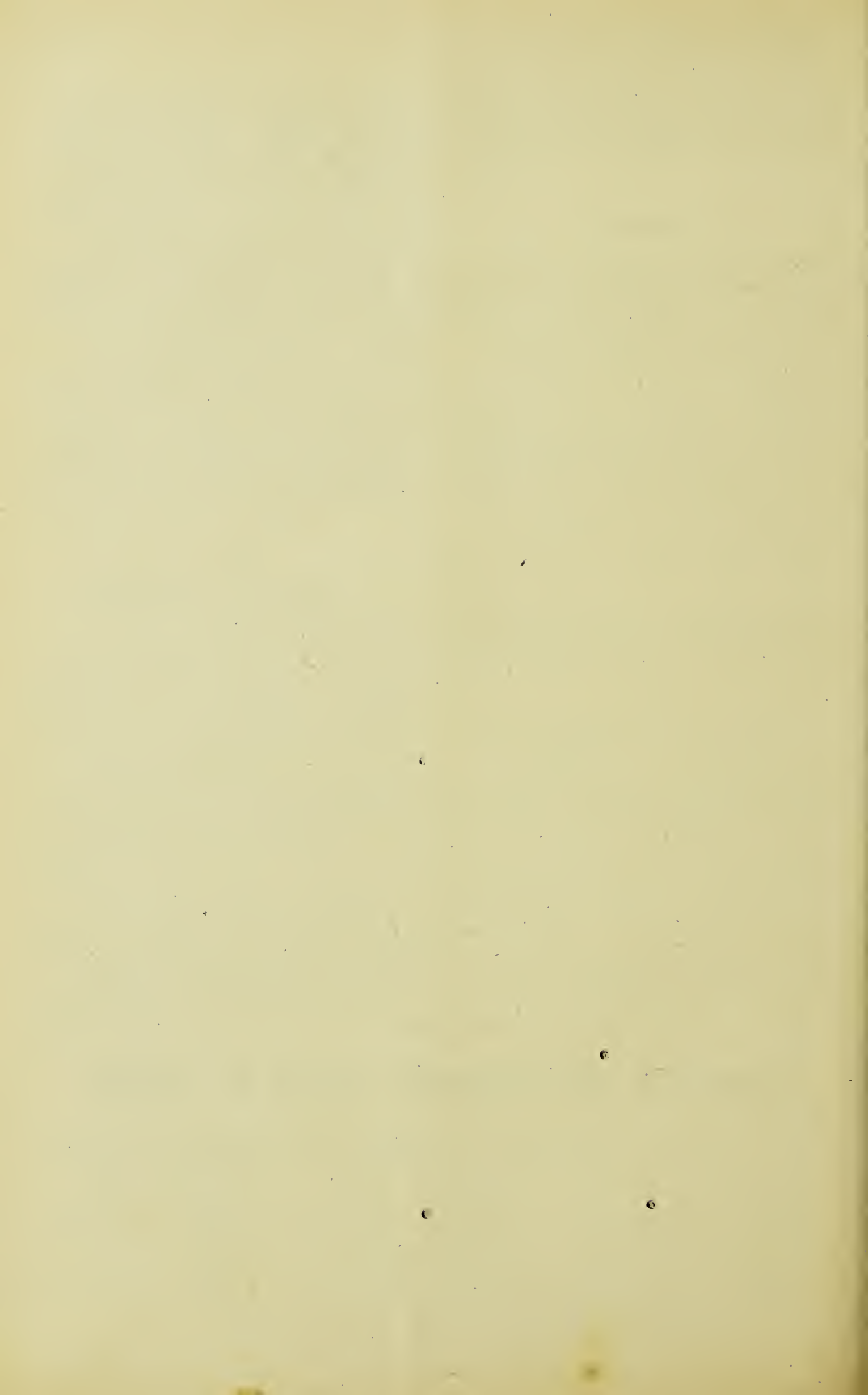
A' D. Constança Carvalho almejamos feliz estadia entre nós.

Coleções da Revista Internacional do Espiritismo

As coleções encadernadas, com lombo de couro, da «Revista Internacional do Espiritismo» são vendidas pelos seguintes preços:

1.º ano — 100\$000 ;	2.º ano — 40\$000 ;	3.º ano — 100\$000
4.º ano — 35\$000 ;	5.º ano — 30\$000 ;	6.º ano — 40\$000
7.º ano — 40\$000 ;	8.º ano — 40\$000 ;	9.º ano — 100\$000
10.º ano — 40\$000 ;	11.º ano — 50\$000 ;	12.º ano — 50\$000
13.º ano — 50\$000 ;	14.º ano — 50\$000 ;	15.º ano — 50\$000.







Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Director: José da Costa Filho

Redator: Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	20\$000
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25\$000
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30\$000
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45\$000

NUMERO AVULSO 2\$000

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro

